

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL
COLEGIADO DE HISTÓRIA

**ENTRE COLINAS VERDES E FORTALEZAS CINZENTAS: O
SENHOR DOS ANÉIS E A CRÍTICA À MODERNIDADE**

LUCAS ANDRÉ BERNO KÖLLN

MARECHAL CÂNDIDO RONDON. PR
2010

LUCAS ANDRÉ BERNO KÖLLN

ENTRE COLINAS VERDES E FORTALEZAS CINZENTAS: *O SENHOR DOS ANÉIS* E A CRÍTICA À MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação da Professora Aparecida Darc de Souza, apresentado à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciado em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

Marechal Cândido Rondon, PR.
2010

**ENTRE COLINAS VERDES E FORTALEZAS CINZENTAS: O
SENHOR DOS ANÉIS E A CRÍTICA À MODERNIDADE**

**Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de título de
Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
pela seguinte Banca Examinadora:**

Aprovada em 11 de Novembro de 2010

Profa. Dra. Aparecida Darc de Souza (Orientadora)

Prof. Dr. Antonio de Pádua Bosi

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, direta ou indiretamente com essa monografia, a ajuda de todos vocês fez com que ele se tornasse possível:

A Deus, primeiramente, pela dádiva da existência;

A minha orientadora Dra. Aparecida Darc de Souza, pela disponibilidade e dedicação em todas as orientações;

A minha namorada Poliana, pela paciência, incentivo e apoio na exaustiva elaboração desse texto;

A minha família, pelo exemplo que são e por todo o apoio que me deram ao longo dessa caminhada;

Aos meus colegas: Ederson Santos, Marcelo Zeni, Carlos Pereira e Carlos Schutz, pelo apoio e pelos apontamentos a essa monografia;

Ao pessoal do Meia Palavra, que além das indicações de leitura, me ajudou com várias informações a respeito de Tolkien.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Lucas André Berno Kölln, declaro que a monografia aqui apresentada é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto, total responsabilidade sobre ela.

Lucas André Berno Kölln

Marechal Cândido Rondon, ____ de Novembro de 2010.

RESUMO

KÖLLN, Lucas André Berno. Entre colinas verdes e fortalezas cinzentas: *O Senhor dos Anéis* e a crítica à modernidade. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2010.

Escrito durante toda a primeira metade do século XX e publicado em 1954-55, *O Senhor dos Anéis* é tida por muitos como a obra máxima da Literatura Fantástica. Porém, a Fantasia presente na obra não se encontra desvinculada da realidade histórica vivida por Tolkien, seu autor. As transformações típicas da modernidade e da sociedade industrial, como a massificação da produção, a mudança na relação com o tempo, que se torna controlado e de ritmo acelerado; destruição da natureza pela exploração desenfreada, desumanização das relações sociais e de trabalho, instilaram-se na obra, criando no universo fantástico criado por Tolkien uma negação, e conseqüentemente uma crítica à sociedade industrial. Os elementos presentes na obra, tais como os ambientes, a fauna, a flora, os personagens, os diálogos, os valores servem de base para sustentar a hipótese de que, ao escrever sua mais conhecida obra, Tolkien fez um esforço por negar o “mundo industrial”, não como alienação dele, mas sim como crítica em relação a ele.

PALAVRAS-CHAVE: *O Senhor dos Anéis*, J.R.R. Tolkien, Literatura Fantástica, Industrialização, Modernidade.

SUMÁRIO

Apresentação	8
Capítulo 01: <i>A Literatura como objeto da História</i>	12
Capítulo 02: <i>O Senhor dos Anéis e os cenários da resistência</i>.....	24
Capítulo 03: <i>O Senhor dos Anéis: um manifesto contra a sociedade industrial</i>.....	40
Considerações Finais.....	56
Referências Bibliográficas.....	58

APRESENTAÇÃO

Desde há muito tempo atrás que sou fã da trilogia de livros *O Senhor dos Anéis*. Costumava ler e reler os três volumes de tempos em tempos. Conforme minha afinidade com o tema foi aumentando, fui buscando mais escritos do autor, J.R.R. Tolkien, e foi assim que me deparei com os outros livros que ele escreveu, como *O Hobbit*, *Silmarillion*, *Roverandom* e *Mestre Gil de Ham*.

Também em relação ao próprio gênero fantasia fui buscando novos autores e lendo obras clássicas. Nessa “caminhada” que empreendia pela literatura fantástica cheguei também a ler muitas obras de ficção científica, gênero do qual também sou fã. Assim, conheci autores como C.S. Lewis (que foi, inclusive, um grande amigo de Tolkien), J.K. Rowling, William Gibson, Douglas Adams, Marion Zimmer Bradley, Eoin Colfer, Stephen King entre muitos outros. Tenho que confessar que esse gosto pela literatura fantástica e de ficção científica tinha um gosto de escapismo da realidade, mas não me cabe aqui teorizar sobre meus motivos de leitor, contudo, é necessário dizer que esses livros contribuíram em alguma medida para que eu me interessasse pelas aulas de História ainda no colégio e que viesse a escolher a História como curso superior.

Quando entrei no curso de História, não precisamente no início, ouvia conversas nos corredores e explicações de professores que falavam sobre a relação do ficcional, aqui representado pelo literário de Tolkien; com o contexto histórico que o envolveu, dizendo que o real estava em diálogo constante com o ficcional e vice-versa. Como um fã incondicional de Literatura Fantástica e de Ficção Científica, fui extremamente cético e relutei muito até começar a fazer leituras de historiadores que exploram a relação Literatura-História, seja ela de ficção científica ou não.

Incomodava-me um pouco esse caráter alegórico, utilizando os termos que Tolkien usa; que os historiadores alegavam ver em diversas obras. Achava muito complexo e difícil de determinar se aquilo que se estava dizendo era de fato algo relacionado ao real, intencionalmente ou não. Mas aos poucos essa questão foi ficando mais clara para mim, pois lendo os trabalhos de Sevcenko, Marshall Berman, Sidney Chalhoub entre outros, percebi que os autores eram pessoas “antenadas” na realidade, não necessariamente defendendo-a ou estando a ela “escravizados”, mas se expressando a partir dela, propondo uma série de reflexões interessantíssimas e que, a partir da

análise historiográfica, só tem a enriquecer e ganhar em sentido, como se fossem completamente redimensionadas em suas significações.

Foi nesse sentido que essa pesquisa se ancorou, e é a partir de perspectivas como essa que ela pretende se lançar em investigações e questionamentos do objeto de minha análise: a trilogia de livros tida por muitos como a obra máxima da Literatura Fantástica: *O Senhor dos Anéis*.

Primeiramente é preciso apresentar um panorama geral sobre a obra com relação a seu enredo. *O Senhor dos Anéis* é uma trilogia, composta pelos títulos *A Sociedade do Anel*, *As Duas Torres* e *O Retorno do Rei*. Os três livros contam, resumidamente, a história de Frodo, um hobbit morador do Condado, uma região campestre que fica a oeste da Terra-Média (mundo fantástico onde a história se passa); que é incumbido da missão de destruir o Um-Anel (artefato de grande poder que ameaça a vida de todos os habitantes daquele mundo) no único lugar da Terra-Média onde ele pode ser destruído, nas Fendas da Perdição, que ficam localizadas nas terras de Mordor, centro do mal e das trevas do mundo fantástico onde a trama se passa.

Nessa jornada outras histórias se entrelaçam: Sam, Merry e Pippin, outros hobbits, o acompanham; Aragorn, Legolas, Gimli e Gandalf, outros personagens, que são representantes de outras raças que habitam a Terra-Média, sendo Homem, Elfo, Anão e Istari, respectivamente.

A missão de destruir o Um-Anel é do interesse de todos que seguem na comitiva e das raças que representam, já que esse artefato é a única forma que Sauron, o Senhor das Trevas, o arquivilão da história, tem de voltar a sua forma corpórea e assim ter poder suficiente para dominar e escravizar todos os povos da Terra Média.

Desse modo, a comitiva que acompanha Frodo atravessa a Terra-Média, já que seu destino, Mordor, fica no extremo leste; e o local de onde saem fica no extremo oeste. Nesse ínterim eles enfrentam batalhas, presenciam a corrupção de vários personagens, sedentos da posse do Um-Anel, vivenciam a valentia de povos que se unem para resistir ao regime de terror que a volta de Sauron traria entre muitas outras coisas que preenchem as mais de mil páginas que compõem a série.

Assim, tomando a Literatura como objeto de investigação este texto procura discutir a obra *O Senhor dos Anéis* como uma construção histórica literária crítica a sociedade industrial e aos seus efeitos. A hipótese que buscamos desenvolver reconhece no texto de Tolkien o esforço de elaboração de um discurso dissonante e crítico ao

pensamento hegemônico ocidental que, desde o século XIX associava o progresso industrial ao progresso social e humano.

Para embasar esse texto e sustentar essa hipótese, usei diversas bibliografias que me ajudaram a pensar desde a relação entre História e Literatura até os aspectos que a modernidade e a sociedade industrial assumiram e seus desdobramentos frente a sociedade e o modelo de desenvolvimento que apresentavam.

No sentido de discutir a relação entre Literatura e História usei as obra *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, de Nicolau Sevcenko; e *Literatura e Resistência*, de Alfredo Bosi. Além dessas, também os artigos *História & literatura: uma velha-nova história*, de Sandra Jatahy Pesavento; e *Caminhos entre a literatura e a história*, também de Alfredo Bosi. Alguns breves trechos de Otto Maria Carpeaux, citados também por Alfredo Bosi, foram usados para problematizar a relação da Literatura e da História.

Nesse ínterim, ainda sobre o papel dos artistas e intelectuais frente às tensões de seu tempo, abordei brevemente uma passagem da obra *Introdução ao Fascismo*, de Leandro Konder.

Para discutir aspectos da Literatura Fantástica e de como é possível aborda-la historiograficamente, apoiei-me nas questões desenvolvidas por Marcio Sá em sua dissertação de mestrado intitulada *Da Literatura Fantástica (teorias e contos)*; além da obra clássica de Tzvetan Todorov, *Introdução a Literatura Fantástica*; e a Dissertação de Mestrado de Sílvia do Carmo Campos Raposeira “*Tree by Tolkien*”: *J.R.R. Tolkien e a Teoria dos Contos de Fadas*.

Para contextualizar e entender o pensamento de Tolkien, vali-me do livro *Tolkien – Uma Biografia*, de autoria de Michael White; e também dos demais livros que Tolkien escreveu: *Roverandom*, *O Hobbit*, *Mestre Gil de Ham*, *Silmarillion*, *Contos Inacabados*, *Os Filhos de Húrin* e *As Aventuras de Tom Bombadil*; mas principalmente do livro *Sobre Histórias de Fadas*, no qual Tolkien escreve sobre as histórias de fadas e sobre seu papel, seus benefícios, suas limitações etc. dando uma noção geral sobre o entendimento que ele próprio tem sobre seus escritos.

Sobre a sociedade industrial, a modernidade e seus desdobramentos, utilizei-me do livro *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*, de Eric Hobsbawn; do livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Friedrich Engels; e do artigo *Lógica e Dissonância – sociedade de trabalho: lei, ciência e resistência operária*, de autoria de Maria Stella Martins Bresciani, publicado na Revista Brasileira de História .

Além desses, para discutir a situação “pré-industrial” apoiei-me também nas observações feitas por Edward Palmer Thompson; e para discutir alguns aspectos da modernidade, vali-me de *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar*, de Marshall Berman.

A monografia está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo é discutida a relação entre a Literatura e a História, as possibilidades e as limitações dessa abordagem, e de que forma a Literatura pode ser objeto da História.

No segundo capítulo são discutidos os cenários em que a crítica a sociedade industrial e moderna é feita por Tolkien na obra *O Senhor dos Anéis*. A abordagem desse capítulo é feita a partir da análise dos cenários e ambientes da Terra-Média descritos no livro, de modo que seja possível entrever uma crítica a aspectos diversos da sociedade industrial, como o advento da industrialização e sua conseqüente poluição e degradação da natureza.

No terceiro capítulo são analisados mais detidamente alguns personagens da obra *O Senhor dos Anéis*, a saber os hobbits e os ents. A partir dessas duas raças¹, são analisados seus modos de vida e os valores nela representado de modo a mostrar como Tolkien criou um sentido para a sociedade industrial e seus desdobramentos bem como para o que difere desse tipo de realidade, ou o que chamo, a partir das palavras de Thompson, de “sociedade pré-industrial”, procurando mostrar como ele desaprova o industrial-moderno e vê com bons olhos o “pré-industrial”.

¹ A utilização da designação “raça” se deu por conta da utilização desse termo pelo próprio autor, já que ele parece utilizar esse termo em detrimento de quaisquer outros.

CAPÍTULO 1

A Literatura como objeto da História.

O homem é um ser que se criou a si próprio ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si próprio.

Octavio Paz

A relação da Literatura com a História já foi tematizada e discutida por muitos estudiosos, estejam eles situados no campo da História ou da Literatura. Essa relação é muito complexa e foi motivo de muitos debates e diversas polêmicas. Dentre elas, uma chamou mais minha atenção. De que forma é possível empreender uma análise historiográfica em textos literários? E se, ainda nesse ínterim, se os esses textos literários forem ficcionais ou fantásticos? Ou ainda conforme se questiona Sandra Jatahy Pesavento: “(...) como a literatura, relato de um *poderia ter sido*, pode servir de traço, rastro, indício, marca de historicidade, fonte, enfim, para algo que *aconteceu*?”².

Preocupado também com esta questão Sevcenko afirma que todo o historiador que busca se servir do material literário deve observar que diferente da História que se ocupa da realidade a Literatura é atraída pela possibilidade³. Observada esta diferença Sevcenko define as possibilidades do uso do material literário na escrita historiográfica da seguinte maneira:

A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (...) Pode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumidas.⁴

Além disto, é preciso também observar que a Literatura é, também, como indicou Pesavento, uma

Atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>> Acesso em 24 out. 2009.

³ SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 20.

⁴ *Idem*, p. 21.

visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real *mais real* que o real *concreto*...⁵

As obras literárias carregam valores, significados, signos e sentidos que se encontram em consonância ou dissonância com as tensões e relações sociais que a rodeiam, tecendo sobre elas toda uma rede de significados. As obras literárias transmitem desde emoções e sentimentos até reflexões e críticas a realidade, elas não são mero instrumento de diversão ou de entretenimento, sua função muda, sua significação é diversa e complexa, o próprio teor da escrita é algo muito controverso e de difícil compreensão definitiva, contudo, ainda assim, como fruto da ação do homem, e sendo o homem um ser histórico, cada obra literária encerra em si idéias e significados humano-históricos, passíveis das mais diversas e ricas interpretações e que irão ter um impacto sobre a realidade que, independentemente de sua magnitude, pode ser objeto de pesquisa e investigação historiográfica. Neste sentido, pode-se inferir que o real ganha significados diversos a partir da visão e apreensão do autor, não correspondendo necessariamente aos eventos históricos e as experiências vividas ou as convenções mais comuns de seu tempo, mas sim informando sobre o modo como estes eventos e experiências foram sentidos e percebidos.

Assim como outras formas de expressão humana, a Literatura também busca um ou mais objetivos. Certamente a literatura desempenha uma função artística, de manifestação de beleza, de satisfação sensorial. Afinal, como observou Sevcenko,

Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?⁶

Toda a experiência literária está pautada na realidade, cabe através da análise historiográfica, definir quais são essas referências, que objetivos têm, de que forma se instilam na história.

Cada obra literária é construída sobre alguns pressupostos, ou seja, algum objetivo, que norteia tanto seu conteúdo quanto sua apresentação estética. Ambas as dimensões, a forma e o conteúdo (tema de muitos debates e discussões) são produtos

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit.

⁶ SEVCENKO, Nicolau. op. cit. p. 20.

humanos, são criações e abstrações humanas, que se encontram igualmente vinculadas a uma determinada realidade histórica. A dimensão estética da obra tem um peso grande e está ligada sim a realidade histórica (tendências, tradições, movimentos, escolas, estilos culturais e artísticos, por exemplo), e está sempre calcada na matéria-prima do real, sendo, portanto, elemento passível de análise historiográfica.

Não cabe aqui fazer uma distinção da escrita literária e historiográfica, visto não ser esse o objetivo do presente texto monográfico, mas é preciso observar que, além do próprio conteúdo que enche as páginas da obras, também a forma com que ele é apresentado e disposto é objeto de análise, já que a função da organização da escrita está vinculada a um objetivo concreto que não a mera satisfação e volúpia dos sentidos: carrega um significado, pois é a forma que diretamente interfere na maneira como o leitor, ao deparar-se com a obra, irá interpretar o teor da escrita e também como o autor, ao produzi-la, escolheu para que ela tomasse forma.

Logo, para além da realização estética “(...) é preciso assumir, em uma primeira instância, posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte”⁷, ou seja, pensar a Literatura do ponto de vista historiográfico traz implicações: como não separá-la do contexto em que tomou forma e compreendê-la como expressão desse contexto, expressão essa que reelabora e ressignifica o real através de um olhar particular (que não implica que seja o único), promulgando interesses e imprimindo um caráter particular a toda construção literária.

A Literatura é, portanto, um “produto” histórico, filha de seu tempo, eivada do contexto em que tomou lugar o seu desenvolvimento, sendo nessa perspectiva que a abordagem e discussão da obra em questão se darão: buscando no contexto histórico e nas mudanças e transformações dialéticas da realidade os elementos que permitam entender *O Senhor dos Anéis* como uma construção literária que critica a modernidade e a sociedade industrial.

Ao criar a obra *O Senhor dos Anéis*, Tolkien, baseando-se na relação que estabeleceu com o mundo que o cercava, materializou suas idéias através de personagens, descrições, diálogos, lugares ficcionais etc.; portanto, cada elemento presente na obra é emblemático no sentido de que carrega um significado, por expressar literária e concretamente aquele conhecimento e intenção abstratas da mente do autor,

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit.

ou seja, sendo produto da mente do autor, um ser histórico, a Literatura acaba por ser influenciada pelo contexto histórico que também “produziu” esse ser histórico, sendo portanto possível analisá-la historiograficamente.

O contexto histórico vivido por Tolkien pode ser definido no mínimo como decisivo para o avanço da sociedade capitalista industrial ocidental. Nascido em 1892, na África do Sul, Tolkien morreu em 1973, aos 80 anos de idade, na cidade de Birmingham, na Inglaterra.

Ao longo de sua vida testemunhou duas guerras mundiais e a formação da sociedade industrial e sua afirmação perante os demais modos de produção e de vida. Tolkien ainda foi testemunha de todos os desdobramentos que a consolidação da sociedade industrial trouxe, desde a desumanização das relações pessoais e de trabalho, da utilização e produção maximizada de tecnologias, a aceleração do ritmo de vida, as mudanças na noção de tempo, enfim, o período em que Tolkien viveu foi um prolífico campo de onde hauriu sua visão depreciativa da sociedade moderna e esse modo de vida que se afirmava perante as sociedades.

Além de vivenciar diariamente as transformações que esse processo trazia consigo, Tolkien ainda combateu na Primeira Guerra Mundial, o que lhe mostrou o grande poder de destruição de máquinas tais como tanques, armas de fogo, granadas, metralhadoras etc., sem contar os horrores que os soldados enfrentavam nas trincheiras, ao lado de cadáveres, infecções e medo.

As informações presentes em sua biografia indicam que sempre preferiu viver no campo, longe da agitação, e da poluição das grandes cidades. Seu distanciamento das mudanças que se operavam no mundo também se fez sentir nas suas escolhas profissionais. Tornou-se um especialista na cultura e literatura medieval, além de filólogo, ao passo que chegou a traduzir sagas e epopéias medievais para o inglês.

Ao longo da carreira de Tolkien podem ser encontradas algumas de suas influências, que se fazem sentir na sua obra. Tolkien trocou seu curso de Letras Clássicas para Língua e Literatura Inglesas, porque “Para ele, as mitologias antigas dos povos germânicos e as lendas escritas em nórdico (ou islandês) eram infinitas mais atraentes”⁸, o que lhe permitiu mais tempo e recursos para aprofundar-se nos estudos dessa literatura.

⁸ WHITE, Michael. **Tolkien: uma biografia**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p. 59.

Além dessas influências, é necessário ressaltar que as reuniões, grêmios e clubes literários dos quais Tolkien participou, juntamente com outros autores, como C.S. Lewis e Charles Williams, para citar os mais próximos, que também escreveram histórias fantásticas e apreciavam literatura da mesma safra que Tolkien: as sagas e epopéias medievais.⁹

Esse grupo contribuiu, juntamente com a formação acadêmica, para que Tolkien tivesse contato com uma literatura que lhe apresentava um outro tempo com outros personagens, valores e elementos. A magia das sagas e epopéias e a grandiosidade com que elas eram escritas tiveram um peso fundamental na elaboração de *O Senhor dos Anéis*, e acentuaram o próprio tom de celebração desse “tempo” e desse “mundo” tão distante da opressora realidade industrial em que Tolkien viveu.

Antes da publicação de *O Senhor dos Anéis*, Tolkien já havia conseguido alcançar algum reconhecimento e fama pela publicação de *O Hobbit*, em 1937. Esse livro foi um prelúdio que viria a ser *O Senhor dos Anéis*, até mesmo Bilbo, o protagonista do livro de 1937, aparece na obra de 1954.

Embora *O Senhor dos Anéis* seja a obra-prima de Tolkien, outras obras de sua autoria são profícuas para ajudar a compreender o posicionamento de Tolkien perante as transformações típicas da modernidade e da industrialização. *O Hobbit*, por exemplo, traz as aventuras de Bilbo, um pacato hobbit que é tirado da tranqüilidade bucólica do Condado para viver aventuras Terra-Média afora; *Mestre Gil de Ham* as aventuras rocambolescas de um fazendeiro em um mundo fantástico com gigantes e objetos mágicos; *Roverandom* narra a jornada de um cãozinho, Rover, por locais mágicos, onde enfrenta feiticeiros e magos, além de falar e ter personalidade próprias, características típicas da Literatura Fantástica; *As Aventuras de Tom Bombadil*, que contam passagens da vida do personagem Tom Bombadil, que, inclusive está em *O Senhor dos Anéis*, evocando a escolha de isolamento dele na floresta como uma opção que o conserva longe dos vícios e das mudanças que são narradas em *O Senhor dos Anéis*.

Além dessas obras, existem outras que foram compiladas por seu filho Christopher Tolkien a partir de suas anotações e escritos como *O Silmarillion*, que conta toda a gênese da Terra-Média, como ela surgiu, quem são seus deuses, porque existem várias raças e porque elas têm línguas e costumes diferentes, juntamente com sagas e baladas dos chamados Dias Antigos, ou seja, eventos de um tempo anterior aos eventos

⁹ *Idem, ibidem*. Capítulo 8: Um Mundo Masculino, pp. 133-156.

que se passam em *O Senhor dos Anéis*. Além dessa obra, há ainda *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-Média*, que junta escritos inconclusos de histórias e tramas que se passam em todas as Eras da cronologia interna da Terra-Média.

Essas obras são interessantes e relevantes para o presente texto monográfico por trazerem informações importantes sobre a Fantasia na obra de Tolkien, bem como sobre sua temática e posicionamento identificado frente ao mundo em que viveu e a nostalgia que sentia por tempos de aspectos diferentes de sua realidade, traduzidas nas realidades fantásticas que ele criou.

Escrever ou produzir Literatura é uma atividade que parte da realidade concreta, para um certo nível de abstração, já que ela, usando as palavras de Pesavento, “extrapola” o real, ressignificando-o, dotando-o de um sentido diverso daquele que ele (o real) porventura tenha. Portanto, é preciso inferir que o ato de escrever pressupõe reflexão sobre o que se está escrevendo; pressupõe uma análise profunda do texto, de modo que a produção literária final é fruto de constante revisões e um apuro de supressão e acréscimo de partes.

Outro ponto importante pensando sobre as questões apontadas por Pesavento, é que escrever também é um ato de qualificar. A descrição presente nas histórias, e talvez de modo mais premente ainda em *O Senhor dos Anéis*, carrega sempre uma valoração, uma escolha de adjetivos e de palavras. Essa escolha condiciona a leitura, a beleza e o significado de cada personagem e de cada passagem da obra, dotando-a de um posicionamento, de um significado que a faz ser histórica ou humano-histórica.

Logo, fica evidente como as valorações das obras traduzem os pensamentos do autor, já que justamente nesse ato de atribuir valor, sentido ou significado, o autor transmite a sua criação a particularidade de seu modo de pensar e compreender a realidade. Tolkien, ao atribuir um determinado valor a um certo personagem ou objeto, acabou criando um novo significado para ele, significado esse que tem como origem a experiência histórica pela qual o autor passou.

A partir de toda essa discussão é possível perceber que a Literatura e o contexto histórico que a produziu estão intimamente ligados, pois é na realidade histórica que se localizam as raízes da criação literária. A forma como os fatos históricos incidem ou não sobre o modo de pensar de Tolkien se encontra disposto no texto literário, possibilitando que ele não somente seja uma criação artística, mas também um registro *sui generis* da intencionalidade e visão de um sujeito histórico aliadas ao que ele viveu e sentiu em relação às transformações de sua época.

Nesse sentido, Alfredo Bosi aponta que é preciso ter sempre em mente a “individualização autoral”, uma vez que, como ele discute através dos escritos de Otto Maria Carpeaux, é preciso permanecer cauteloso quanto a “meia verdade do determinismo sociológico”¹⁰. Essa cautela está ligada à especificidade de cada visão e atribuição de significado que os autores, enquanto sujeitos históricos, têm e fazem com relação aos eventos da época em que viveram e escreveram.

Cada autor apreende os fatos históricos e as transformações de seu tempo de formas diferentes, seja pelos referenciais diferentes que possuem, seja pelo próprio posicionamento moral, ético, político que defendem, seja pela própria experiência de vida material e cultural pela qual passaram. A “meia verdade” de que fala Carpeaux é a insuficiência da abordagem da Literatura enquanto mera reprodutora da cultura, convenções e modo de pensar dominantes. A Literatura não é necessariamente favorável às transformações da realidade que vivencia, nem necessariamente crítica a elas. A Literatura sempre é uma visão específica sobre a realidade, dialogando de maneira dialética com essa realidade, construindo a partir dela um significado.

A Literatura pode agir como resistência aos “modos de pensar mais convencionais” da época da sua elaboração, revolucionariamente ou não, criticando a realidade e pondo-se contra elementos e transformações do contexto sócio-histórico em que foi produzida.

Tendo em vista como *O Senhor dos Anéis* pode ser entendido como uma prática social de resistência, é preciso recorrer a um apontamento de Carpeaux que ajuda a entender como a Literatura está inserida em um determinado contexto histórico-dialético, mas que não necessariamente o aprova e aceita passivamente: “A literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico, que obedece ao seu próprio ritmo dialético. A literatura não deixará de refletir esse ritmo – refletir, mas não acompanhar.”¹¹ ou seja, a obra de Tolkien encontra-se dentro de um contexto histórico específico, em que a industrialização era forte e industrializar-se era uma idéia muito disseminada dentro da sociedade como sinônimo de progresso; porém, o autor e sua obra se colocam contra essas mudanças, procurando a elas atribuir metamorfoseadamente um sentido negativo.

¹⁰ BOSI, Alfredo. **Caminhos entre a literatura e a história**. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 19, n. 55, dezembro 2005, p. 325.

¹¹ CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental** *apud*. BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 7.

Compreendendo a necessidade de contextualizar o autor aos diversos âmbitos da realidade social em que ele viveu e desenvolveu sua obra, tendo cuidado para levar em conta tanto sua dimensão social mais ampla quanto sua individualidade, Alfredo Bosi aponta que os escritos ficcionais, como a Literatura Fantástica de Tolkien são

(...) individuações descontínuas do processo cultural. Enquanto individuações, podem exprimir tanto reflexos (espelhamentos) como variações, diferenças, distanciamentos, problematizações, rupturas e, no limite, negações das convenções dominantes de seu tempo.¹²

O Senhor dos Anéis, por exemplo, mesmo pertencendo ao gênero literário Fantástico estabelece uma relação com a realidade sócio-histórica em que foi concebido, uma vez que a base tanto material quanto cultural sobre a qual a criação se assentou é um tempo específico marcado por transformações profundas nas relações entre as pessoas, na visão de mundo, na concepção de tempo etc.

Compreender que a realidade histórica influencia a criação literária, ficcional ou não, é essencial para concebê-la e abordá-la como fonte e registro, além de uma prática social que cria e transmite um sentido para a realidade, sendo profícua para compreender a expressão dissonante peculiar dos autores, seja em relação ao contexto histórico de modo mais abrangente, seja em relação às linhas mais particulares de sua vida.

Mas, frente a tudo isso, como investigar historiograficamente um livro de Literatura Fantástica como *O Senhor dos Anéis*? Nesse sentido é que é preciso compreender que, segundo a definição mais tradicional e difundida de Literatura Fantástica, de autoria de Tzvetan Todorov, esse gênero se define justamente quando há uma hesitação¹³ por parte do leitor com relação ao que está escrito, como se a possibilidade do teor do texto ser natural ou sobrenaturalmente explicado fosse deixada em dúvida. Ainda segundo Todorov, a hesitação é deixada sempre em aberto, um texto, para ser puramente fantástico segundo a sua concepção, deve deixar a dúvida pairando no ar até o final, de modo que o desfecho não penda nem para uma explicação racional nem mística, mas sim que o leitor hesite perante isso, julgando-a de acordo com seus próprios pontos de vista e crenças.

Ou seja, de acordo com a definição de Todorov, um grande peso é atribuído à leitura, à recepção que o leitor terá da história em questão. Em grande parte é o leitor,

¹² BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 10.

¹³ TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

acostumado com a realidade em que vive, explicada racional e cientificamente, que irá, ao se deparar com uma história fantástica, experimentar a sensação de diferença em relação ao seu dia-a-dia, às suas experiências na realidade em que vive.

Nesse sentido é que Márcio Sá, dialogando com vários pensadores que se detiveram sobre a questão da Literatura Fantástica, escreveu que:

(...) o mundo real, conduzido pelas leis da natureza e explicado por leis científicas, sofreria um abalo ao ter alguma de suas leis suspensas ou derrotadas. No caso da derrota, podemos entrever que o mundo real continuará existindo, com sua lógica e cientificidade, mas com parte de suas determinações sendo contrariada. Não se constituiria outro mundo, maravilhoso, com regras próprias, mas tão somente uma mudança ou adequação a alguma antiga certeza natural. O momento anterior à mudança ou adequação constituir-se-ia como a etapa do espanto diante de algo novo, inexplorado. Já a suspensão de uma lei marcaria uma linha mais tênue ainda entre o mundo fantástico e o real. A lei não fora quebrada, mas temporariamente anulada (...)¹⁴

Levando em consideração essas assertivas, é possível entrever que a ligação entre o fantástico e o real é muito forte, e a relação entre ambas as partes é dialética, elas se definem mutuamente. Só é fantástico o que não é natural na realidade e cientificidade desse mundo. *O Senhor dos Anéis*, nesse ínterim, mantém uma intrínseca relação com a realidade que o produziu não somente pelo fato de ser uma criação humano-histórica, mas também porque, devido a seu *status* de Literatura Fantástica, ele constrói um mundo regido por leis próprias e dotado de própria coerência interna, que só são fantásticos pelo fato de destoarem da realidade histórica em que ele foi criado, ou seja, *O Senhor dos Anéis* só se define quando contraposto à realidade histórica.

Através desse *modus operandi* descrito acima, é que a Literatura Fantástica possibilita ainda outra interpretação, que se faz essencial compreender para poder investigar *O Senhor dos Anéis* enquanto crítica e negação da sociedade industrial e da modernidade: o distanciamento que ela proporciona ao leitor, e que foi, obviamente, pensado pelo escritor ao elaborar a obra.

A Literatura Fantástica, pela “liberdade criadora” que possui, abole “leis” e “regras” comuns a esse mundo, essa realidade em que vivemos, sujeita aos preceitos científicos e racionais; possibilitando não somente aos leitores, mas também a quem a

¹⁴ SÁ, Márcio Cícero de. *Da Literatura Fantástica (teorias e contos)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. pp. 20-21.

escreveu, a possibilidade de vislumbrar não só uma “realidade” diferente daquela em que vivemos; mas também observar a nossa realidade de forma distanciada. A capacidade de transportar o leitor para outro mundo (similar ou não ao nosso) faz com que ele veja sua própria realidade com “outros olhos”, enxergando-a a partir de um outro prisma, analisando-a a partir de uma nova posição e de novos referenciais.

Desse modo, é possível dizer que não somente o leitor vivencia esse distanciamento, mas também (e talvez de forma mais intensa) o autor, como criador dessa história e primeiro a vivenciar essa sensação de distância da realidade. A Terra-Média, universo onde se passa a história de *O Senhor dos Anéis*, é um exemplo desse distanciamento, tão longínquo e ao mesmo tempo tão familiar. O que nela (Terra-Média) se encontra, é um emblema para que a relação com a realidade seja feita, sem que isso, seja necessariamente uma alegoria, mas sim um procedimento inevitável de comparação mental, uma base concreta e histórica em que o autor se apóia para construir sua Fantasia.

Em face do recorte a que esse texto se restringiu, a investigação sobre a recepção dos leitores não será discutida, visto que não se integra às propostas desse texto diretamente, embora seja um caminho de pesquisa válido. O fantástico, apesar da sua forte relação com o leitor, encerra também uma forte relação com seu autor, visto que foi ele quem arquitetou essa fantasia a partir da realidade, foi a partir de suas convicções, experiências e pensamentos que a fantasia pode acontecer, sendo ele não repositório da realidade, mas o reelaborador da realidade através do fantástico.

Justamente por ter na realidade sua matéria-prima, para moldá-la, distorcê-la e alterá-la a seu bel prazer, o escritor transmite para a história fantástica sua própria forma de pensar e de conceber o mundo em seus mais diferentes aspectos. Por esse fato se torna possível usar a Literatura Fantástica como material de estudo, nesse caso historiográfico, como fala Márcio Sá: “(...) nada nos impede de estudar o fantástico, tendo em mente o contexto do momento de sua elaboração e de sua conseqüente enunciação.”¹⁵

Desse modo, pode-se ver que assim que a Fantasia é também histórica, pois é uma criação humana, condicionada e estudada de acordo com as “diretrizes” históricas de seu tempo. A relação da Fantasia com a realidade além de intrínseca, é também

¹⁵ *Idem*, p. 37.

histórica, pois, assim como a realidade transforma-se constantemente, a relação do fantástico com ela e com seus referenciais também altera-se constantemente.

Tolkien, portanto, foi não somente um grande nome da Literatura Fantástica como também um artista e um estudioso renomado, que trouxe suas impressões e opiniões subjacentemente em suas histórias.

Com relação a isso, cabe uma observação deveras pertinente de Leandro Konder sobre o papel dos artistas e intelectuais, em que ele escreve que:

Eles tem uma *função social* específica, que é a de elaborar representações ou interpretações capazes de enriquecer a autoconsciência da humanidade em cada época, em cada país, possibilitando aos homens reconhecerem melhor, sensível e/ou intelectualmente a sua própria realidade. (*grifo do autor*)¹⁶

Tolkien foi um filólogo e renomado estudioso de Literatura Medieval, que dedicou parte de seu esforço no sentido de cumprir ambas as *funções sociais* apontadas por Konder. O posicionamento dele em relação a essa realidade condicionou sua criação artística-literária, sendo essa constatação fundamental para analisá-la enquanto crítica a modernidade.

O mote dessa pesquisa não se detém sobre a recepção e apreensão da obra de Tolkien junto ao seu público (embora seja uma perspectiva interessantíssima), contudo, é importante constatar que, de acordo com Konder, o artista fornece questões e problemáticas que fomentem a autoconsciência das pessoas em relação a determinados aspectos de sua realidade. Justamente por colocar-se diante do público baseando-se na realidade, Tolkien também traduziu seus anseios e impressões de uma época em que a modernidade e a sociedade industrial, nas acepções de Berman e Hobsbawn, se desenvolviam fortemente e modificavam de maneira fundamental as relações humanas e a realidade material como um todo.

Sendo a Literatura fruto da expressão humana, e sendo o homem um ser histórico, o diálogo entre o factual e ficcional condiciona a forma como as obras são elaboradas e escritas, fazendo com que se constituam um objeto de pesquisa prolífico de compreender o contexto histórico que as cercou. Com *O Senhor dos Anéis* não é diferente, a obra foi escrita durante toda a primeira metade do século XX, em um período marcado por profundas transformações, das quais a industrialização e a modernidade são fundamentais para compreender a obra em questão, de modo que

¹⁶ KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991. p. 39.

vestígios dessa realidade se instilassem na obra, dando-lhe um sentido muito claro de reprovação das transformações que estavam ocorrendo naquele período. Justamente essa insatisfação com as mudanças que investigo no segundo capítulo desse texto.

CAPÍTULO 2

O Senhor dos Anéis e os cenários da resistência

Tudo é traduzido por nós desse modo, metamorfoseado, metaforizado. Sim, até mesmo na época moderna, desencantada, científica, racional, inundada de luzes.

Nancy Huston. **A espécie fabuladora.**

Neste segundo capítulo buscarei apresentar como a obra de Tolkien se relaciona com contexto histórico em que foi produzida e como o mundo criado em *O Senhor dos Anéis* revela a resistência do autor às imposições da sociedade industrial.

Para desenvolver a trama de destruição do Um-Anel Tolkien imaginou e construiu um outro mundo, com uma geografia própria – relevo, fauna, flora – com culturas e línguas e modos de viver distintos. Tolkien definia as histórias que escrevia, como Histórias de Fadas, obras em que seres mágicos e magia em geral existem e em que as leis naturais não são necessariamente aplicáveis. Neste mundo habitado por seres mágicos, Tolkien conduz o leitor por um universo completamente diferente daquele em que o autor vivia – dominado pela vida moderna, essencialmente urbana e predominantemente industrial.

O Escape do Prisioneiro

Num olhar mais apressado poder-se-ia definir a Literatura feita por Tolkien como esforço de fuga da realidade. E, por que não dizer até mesmo de alienada de seu tempo? Tolkien reconhecia que *Escape* era uma das principais funções da História de Fadas, porém alertava que não se deve confundir o “(...) o escape do prisioneiro com a fuga do desertor.”¹⁷ Tolkien assinala a função escapista de suas obras não como um mecanismo de fuga de um desertor, mas sim de um prisioneiro que anseia desvencilhar-se da realidade que o oprime rumo a algo que lhe proporcione maior felicidade, satisfação ou prazer.

Nesta direção, Tolkien procurava por meio da literatura escapar da “cruza e feiúra da vida européia moderna”, pois na primeira metade do século XX, “a forma

¹⁷ TOLKIEN, J.R.R. **História de Fadas**. São Paulo: Conrad, 2006. p. 8.

como homens vivem e trabalham está crescendo em barbárie”, o avanço das “fábricas robotizadas de produção em massa” e a difusão do “rugido do tráfego mecânico auto-obstruidor” ameaçam a sanidade humana¹⁸.

Esse entendimento quanto à relação entre a Fantasia e a realidade histórica fica claro quando, mais a frente, Tolkien arremata a discussão sobre o Escape nas histórias de fadas juntamente com seu ceticismo e descontentamento com o mundo moderno escrevendo que, através das histórias de fadas “escapistas”

(...) é possível que um homem racional, após reflexão (...) chegue à *condenação*, pelo menos implícita no simples silêncio da literatura “escapista”, *de coisas progressistas como fábricas*, ou das metralhadoras e bombas que parecem ser seus produtos mais naturais e inevitáveis, ousemos dizer “inexoráveis”. (*grifo meu*)¹⁹

As idéias do autor são claras o suficiente para que possamos entender que, embora sua obra seja um produto artístico que se pautar na criação ficcional imaginativa e abstrata, ele carrega um sentido anti-moderno muito forte. A fantasia presente na obra de Tolkien, não é um escape, entendido como fuga da realidade, mas como possibilidade de reflexão. Suas histórias dão a ele e ao leitor o distanciamento necessário para estranhar o conhecido e questionar o que parece aos olhos de todos como o curso natural das coisas. Neste sentido, sua obra nos permite viajar para um outro mundo e nele questionar os sentidos trágicos do chamado progresso industrial, tais como a mecanização (que promoveu a separação entre o homem e a natureza, entre o homem e o sentido do seu trabalho), a separação entre campo e cidade, a destruição da natureza, a aceleração do ritmo de vida.

Da mesma forma, ainda traçando interpretações e opiniões sobre as Histórias de Fadas e conseqüentemente sobre a sua própria obra e criações, Tolkien escreve sobre outra das funções dessas histórias (pelo menos no entender dele): o consolo.

Esse é outro dos pontos nevrálgicos para se compreender a obra como resistência, pois o consolo, na acepção do termo, remete-nos a uma situação de infelicidade ou insatisfação que pretende ser redimida ou ao menos minimizada por algo, gerando o que chamamos de consolo. Logo, ao entender que o consolo é um dos pontos centrais das Histórias de Fadas, Tolkien escreve que “O consolo das histórias de fadas, a alegria do final feliz, (...) da repentina ‘virada’ jubilosa (...) não é

¹⁸ *Idem*, p.70

¹⁹ *Idem*, p. 71.

necessariamente ‘escapista’ ou ‘fugitiva’.”²⁰ Acrescentando mais a frente que “Ela [*a alegria do final feliz*] nega (...) a derrota final universal (...) dando um vislumbre fugaz da Alegria. Alegria além das muralhas do mundo, pungente como o pesar.”²¹

O que se pode apreender das palavras de Tolkien a respeito do consolo é que, justamente pela sua vinculação às Histórias de Fadas, ele atua como um lampejo de esperança, uma crença de mudança de uma realidade que sofre com outras mudanças, negativas nesse caso. Ao usar “(...) Alegria além das muralhas do mundo”, Tolkien passa a idéia de uma realidade opressora, que limita, que prende e que não traz uma alegria genuína e concreta, que, baseado em seus escritos, parece só ser vislumbrada, embora fugazmente, através das Histórias de Fadas.

Além disso, ao usar as palavras “pungente como o pesar” para descrever o mundo, Tolkien demonstra sua insatisfação diante de um mundo em que o desenvolvimento econômico está a frente do homem e da preservação da natureza.

Tratar a literatura de Tolkien como fantástica carrega a significação de que a “utopia” que ele apresenta em *O Senhor dos Anéis*, por exemplo, encontra-se em tal dissonância com a realidade, que ela se torna fantástica.

Toda essa insatisfação e o desejo por algo diferente, seja pelo escape, seja pelo consolo, encontra-se materializada nas páginas de *O Senhor dos Anéis* de diversas formas, uma delas é a própria descrição dos ambientes e cenários da Terra-Média, um universo vastíssimo criado tendo em vista todo esse entendimento acerca tanto das Histórias de Fadas quanto da própria realidade circundante, moderna e industrializada, sendo, portanto, importante aspecto a ser analisado no sentido de discutir a obra em questão como uma crítica ao modo de vida da sociedade industrial.

A Terra Média: o cenário da resistência

Negando a realidade industrial através da Fantasia, *O Senhor dos Anéis*, com relação aos lugares fantásticos presentes em seu enredo, oferece material para que a discussão da obra enquanto crítica a sociedade industrial possa ser feita. As paisagens e os cenários onde a história se passa também possuem um significado histórico que pode ser apreendido no sentido de mostrar como a realidade histórica vivida por Tolkien

²⁰ *Idem*, p. 77.

²¹ *Idem*.

influenciou a criação da obra fantástica *O Senhor dos Anéis* e como essa literatura vê de forma crítica a realidade industrial e seus desdobramentos.

Todas essas mudanças e transformações que estavam ocorrendo, ligadas a industrialização e adjacentes além do desenvolvimento capitalista, caracterizam o que Marshall Berman chama de Modernidade em *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*.

Esse momento instila nas pessoas que nele habitam um “(...) sentir-se como as primeiras, e talvez as últimas a passar por isso”, portanto, “(...) tal sentimento engendrou inúmeros mitos nostálgicos de um pré-moderno Paraíso Perdido.”²² As expressões “mitos nostálgicos” e “Paraíso Perdido”, usadas por Berman para caracterizar o sentimento de muitas pessoas e produções literárias que ele analisa em ganham um sentido muito grande ao pensar a obra de Tolkien no íterim dessa pesquisa, que procura defender a hipótese de que seus escritos encerram uma crítica a sociedade industrial e seus efeitos.

Há de lembrar-se que Tolkien encantou-se, desde a época em que freqüentava o colégio, pela Literatura medieval e os mitos nórdicos e célticos. Até mesmo o nome dado ao mundo fantástico que ele criou e onde se passa a história de *O Senhor dos Anéis* é significativo: Terra-Média (*Middle-Earth*). Pode-se entender que esse nome é uma junção de Terra, nome de nosso planeta com um período da História, a Idade Média. Aqui pode-se pensar mais uma vez como os escritos dele mantém uma relação estreita com a realidade vivenciada pelo autor e pela forma negativa como ele via a industrialização e seus desdobramentos.

Esse descontentamento pela massificação da produção e a escala de produção industrial, que transforma o sentido do trabalho, enfim, do modo de produção industrial; fica expresso no seguinte trecho:

Muitas histórias do passado só se tornaram escapistas em seu apelo porque sobreviveram desde uma época em que os homens em regra se deleitavam com o trabalho realizado por suas próprias mãos até o nosso tempo, quando muitos sentem aversão às coisas feitas pelo próprio homem.²³

Nesse trecho fica expressa inclusive a visão de Tolkien quanto a uma das funções das Histórias de Fadas dentro da sua concepção: o escape. Reiterando o anteriormente dito, Tolkien não acha que o escape seja alienação, mas sim uma

²² BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 15.

²³ TOLKIEN, J.R.R. **História de Fadas**. São Paulo: Conrad, 2006. p. 74.

possibilidade de distanciamento da realidade que permita enxergá-la a partir de um outro prisma, questionando-a em seus mais diversos aspectos. A própria estranheza que a Literatura Fantástica é capaz de proporcionar, está ligada a realidade em que ela calcou raízes, já que, se ela é estranha ou distante, só pode sê-lo em relação a alguma referência, sendo essa parte da realidade histórica.

Logo, baseando-se na sua realidade e nos estudos que sua escolha profissional lhe proporcionou, juntamente com suas próprias crenças e posições, Tolkien desenvolveu a seu modo um olhar acerca da realidade, que a criticava a partir da negação que a Literatura Fantástica lhe permitia concretizar.

A própria associação entre Idade Média com contornos fantásticos e toda uma história de heroísmo, cria também um significado para o contexto histórico dele, pois ele localiza a aventura, a magia e essa vida diferente, sem tempo rigidamente controlado, poluição, industrialização e desumanização das relações sociais no passado, em um tempo que já se foi, e que não é esse em que ele viveu, a primeira metade do século XX, de maneira geral.

Mostrando como a modernidade era ausente na “medievalidade”²⁴, Tolkien mostra como também as características típicas da modernidade, tidas por ele como negativas e opressoras, eram ausentes, tornando “aqueles tempos” (“pré-industriais” ou “pré-modernos”) melhores ou mais felizes.

Além do Condado, local onde viviam os protagonistas da saga, a Sociedade do Anel²⁵ passou por diversos lugares, atravessando o território da Terra-Média de oeste a leste, rumo às terras de Mordor, centro do poder maligno que ameaça aquele universo e onde está localizada Orodruin, a montanha que guarda em seu interior as Fendas da Perdição, único lugar da Terra-Média onde o Um-Anel pode ser destruído.

A caracterização dos cenários é muito significativa, pois, aliada a compreensão e discussão sobre a questão da negação da modernidade e da sociedade industrial que Tolkien empreende em *O Senhor dos Anéis*, ela consegue dar um sentido e um valor para o que é considerado bom e ruim, positivo e negativo, louvável ou execrável, criando para os ambientes “naturais”, campestres e urbanos uma interpretação que está ligada a experiência histórica de Tolkien e sua opinião acerca dela.

²⁴ Uso o termo entre aspas pois o sentido dele não corresponde necessariamente a dados mais precisos sobre tempo ou lugar. A medievalidade que aparece na obra é mais superficial e não baseada em escritos reconhecidos sobre a Idade Média. Há uma correspondência nos anos da Terra-Média com os anos da Idade Média da Terra, mas essa relação não foi declarada ou admitida por Tolkien.

²⁵ Grupo de pessoas de várias raças da Terra-Média escolhidas para acompanhar Frodo na missão de destruir o Um-Anel.

Ao longo de toda a história de *O Senhor dos Anéis* o ambiente mais “natural” é tido como bom, tranquilo, belo, aconchegante, uma espécie de refúgio em relação à situação da Terra-Média. Lugares como o Condado e Lothlórien são tidos como verdadeiros idílios, regiões com contornos quase edênicos ou paradisíacos, sendo que eles aparecem em oposição ao ambiente “não-natural”, Mordor, por exemplo, onde houve destruição da natureza e a conseqüente aparecimento de um território estéril.

Ora, Tolkien, conforme foi possível perceber no capítulo anterior, se opunha ferrenhamente ao “mundo industrial”, e se ocupava em demonstrar através da Terra-Média a negação dele. As características da Terra-Média estão em oposição ao “mundo industrial” em que Tolkien vivia pelo fato de mostrarem uma realidade fantástica onde os elementos da realidade metamorfoseiam-se, ganhando uma significação que provém da realidade e que a qualifica. *O Senhor dos Anéis*, como já foi dito, nega a realidade industrial através da construção de um universo diferente, que ao mesmo tempo se assemelha e se diferencia profundamente do real.

A nostalgia por tempos diferentes presente na obra *O Senhor dos Anéis*, está retratada também por meio dos hobbits, que envoltos na fumaça sufocante de Mordor, lembram-se dos tempos despreocupados em que não estavam oprimidos pela fantasmagoria daquele lugar: “(...) atravessando todos os seus pensamentos lhe chegava a lembrança de água, e cada riacho ou fonte que vira na vida, sob as sombras verdes dos salgueiros ou faiscando ao sol.”²⁶ ou ainda quando imagina “sentia a lama fresca nos pés que chapinhavam no lago em Beirágua [*rio do Condado*]”²⁷. A imagem da natureza vem associada à tranquilidade, refúgio, segurança, em detrimento do ambiente inóspito de Mordor.

Nesse sentido então, vê-se que o Escape presente n’*O Senhor dos Anéis* não se volta a uma satisfação literária abstrata por completo, que ignora a realidade histórica que a produziu; mas sim que toma o Escape como forma de resistir a realidade opressora que o cercava.

Embora não esteja necessariamente claro em todas as passagens do livro e nem critique todos os aspectos da modernidade de seu tempo, *O Senhor dos Anéis* hauriu de sua realidade histórica, a modernidade, criando para ela uma valoração que pretende criticá-la e desaprová-la em vários sentidos, mostrando como as transformações industrializantes e capitalistas não são necessariamente a melhor opção ou a mais

²⁶ *Idem*, p. 213.

²⁷ *Idem*.

humana, já que a Terra-Média funciona como uma vitrine para demonstrar isso. Como observou White: “Na verdade, (...) Tolkien usou *O Senhor dos Anéis* como um veículo para atacar os alvos mais detestados – tecnologistas, modernizadores, poluidores e consumidores inveterados.”²⁸

Contrapondo isso a realidade histórica, percebe-se novamente a resistência ao modo de vida industrial, já que a região campestre de refúgio dos hobbits é mantida longe de coisas novas, de inovações tecnológicas e máquinas complexas, e preservada em suas tradições e costumes. Ora, atribuir ao Condado e ao modo de vida hobbit contornos idílicos e de refúgio, Tolkien estava dando um valor também a própria realidade histórica circundante a ele naquele período, negando-a através de sua Fantasia, constituindo-se dessa maneira, como uma crítica a ela.

A oposição entre o espaço “natural” e espaço urbano, presente na realidade de Tolkien, transfigurou-se também em *O Senhor dos Anéis*, onde os espaços fantásticos, semelhantes ao espaço natural e urbano, são retratados de forma a dar sentido também aos seus correspondentes reais, mesmo que não de forma direta. A análise das descrições que Tolkien faz sobre esses lugares, principalmente o Condado (região onde vivem os hobbits), Lothlórien (grande floresta onde vivem os elfos) e Mordor (região rochosa onde o Um-Anel foi forjado) será feita aqui no sentido de interpretá-las como uma forma de criticar a modernidade e a sociedade industrial, visto que são prolífico material para discutir a visão de Tolkien acerca da realidade histórica que o cercava.

Lothlórien: o paraíso bucólico

Lothlórien é um dos lugares por onde a Sociedade do Anel passa. Lothlórien é um refúgio onde vivem os elfos, uma floresta muito bem protegida e governada por duas figuras das mais antigas da Terra-Média, Celeborn e Galadriel. Quando da passagem da Comitiva por Lothlórien, os membros das diversas raças da Terra-Média se deslumbram perante as maravilhas da floresta dourada.

A fala de Legolas ao avistar Lothlórien serve para descrever não somente alguns aspectos da floresta como também para mostrar a alegria que ela causa nele:

- Ali estão as Florestas de Lothlórien! (...) É a morada mais bela de todo o meu povo. Não há árvores como as daquela terra. Pois no outono as folhas não caem, mas se tornam douradas. Só na primavera, quando

²⁸ WHITE, Michael. **Tolkien: uma biografia**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

aparecem as novas folhas verdes, é que elas caem, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas, e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, os pilares são prateados, pois os troncos das árvores são lisos e cinzentos. (...) Meu coração se sentiria alegre se eu estivesse sob o abrigo daquelas florestas (...)²⁹

Tolkien também fez uma gravura de Lothlórien, que reproduzo abaixo para ilustrar a descrição escrita:



(Imagem 1)³⁰

Através das descrições e da gravura podemos perceber que a beleza é uma constante nos territórios florestais de Lothlórien, e essa beleza da natureza está associada à segurança, à alegria e ao bem-estar, criando assim um sentido para o “natural” e também para o que a ele se opõe.

O retrato que Tolkien faz da natureza, dentro da realidade industrial, em que o estímulo e valorização do industrial como sinal de progresso e de evolução, servem como forma de mostrar que ele não somente se opôs aos valores modernos de industrialização e artificialidade, como também resistiu a eles criando um sentido próprio para o que era tido em segundo plano pelo “projeto” industrializador e modernizante.

²⁹ TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 355.

³⁰ Disponível em <http://tolkiengateway.net/w/images/e/e3/J.R.R._Tolkien_-_The_Forest_of_Lothlorien_in_Spring.jpg> Acesso em 20 out. 2010.

Basta lermos sobre os pensamentos de Frodo sobre Lothlórien para termos uma noção disso:

Tinha a impressão de ter atravessado uma janela alta que dava para um mundo desaparecido. (...) Tudo o que via parecia harmonioso (...) Não se podia ver qualquer defeito ou doença ou deformidade em cada uma das coisas que crescem sobre a terra [*de Lothlórien*]. Não havia manchas na terra de Lórien. [*outro nome pelo qual era conhecida Lothlórien*].³¹

A floresta é mostrada como um refúgio belo e “harmonioso”, livre de qualquer “doença” ou “deformidade”, um lugar idílico, livre das mazelas industriais e modernas. Essa caracterização se desdobra em várias passagens do livro, sempre associando o ambiente “natural” ou campestre com beleza e tranquilidade: “(...) os elfos temiam e desconfiavam do mundo lá fora (...) mas sobre a terra de Lórien não pairava sombra alguma.”³²

As maravilhas e o deslumbre de Lothlórien também são perceptíveis quando Aragorn (um dos membros da Sociedade do Anel), ao chegar nos domínios florestais, brada: “Lothlórien! – alegro-me em escutar de novo o vento nas árvores.”³³ ou quando a Sociedade do Anel deixa a floresta dourada (como é conhecida também Lothlórien): “(...) a comitiva disse adeus ao gramado perto da fonte. Tinham um peso nos corações, pois o lugar era lindo e tinha se tornado para eles como sua própria casa.”³⁴

A felicidade, a segurança e a satisfação se encontram ligados ao que é “natural” ou “não-tipicamente moderno ou industrial”, dando a entender que somente através da negação da modernidade e da industrialização é que as pessoas podem se realizar, serem felizes, terem prazer etc., pois a modernidade, expressa no livro pelo que não é “natural”, está ligada a coisas negativas, como insegurança, instabilidade, morte, dor, sofrimento etc.

Se por um lado temos Lothlórien, a Floresta Dourada, retratada com beleza, harmonia, poder e lugar de felicidade; por outro, temos sua antítese, encontrada em Mordor, a “Terra (...) onde as Sombras se deitam”³⁵, que sintetiza toda a maldade e a perversidade de Sauron, o Senhor do Escuro, artífice criador do Um-Anel, cuja existência ameaça toda a vida e o bem-estar da Terra-Média.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 372.

³² *Idem*, p. 371.

³³ *Idem*, p. 358.

³⁴ *Idem*, p. 394.

³⁵ Esse é o adágio que o próprio Tolkien usa ao falar de Mordor, ele consta nos versos que estão no início de cada um dos volumes de *O Senhor dos Anéis* e contam a história da forja e distribuição dos Anéis de Poder.

O Condado: o idílio “pré-moderno”

O Condado é outro local que pode ser analisado para entender *O Senhor dos Anéis* como a negação da sociedade industrial e da modernidade. Não faltam descrições sobre esse lugar, conforme já discutidas aqui, apresentando-o como belo, harmonioso, aprazível, reconfortante, enfim, um verdadeiro idílio ou refúgio paradisíaco. Mas creio que mais eloqüente nesse caso, é apresentar para a discussão uma gravura de autoria do próprio Tolkien, presente na obra *O Hobbit*, onde o Condado é retratado. Ao lado dessa gravura, trago outra em que é retratada uma vila medieval:



(Imagem 2)³⁶



(Imagem 3)³⁷

O que mais chama a atenção nessas duas figuras é a semelhança que elas apresentam com relação aos elementos que a compõem. A representação do Condado tem feições muito semelhantes às apresentadas na imagem ao lado, que representa uma vila medieval.

Essa gravura tem um grande significado pois a partir dela se percebe como Tolkien, ao criar um lugar idílico, onde reinam a “paz” e a “tranqüilidade”; escolheu

³⁶ Disponível em <http://tolkien.hr/portal/images/zoom/Tolkien/the_hill_hobbiton-across-the-water_boja_jpg.jpg> Acesso em 07 ago. 2010.

³⁷ Disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_b8lKBo8aG6s/S41T2wrMaTI/AAAAAAAAAcU/iCHASR_g5HQ/s320/feudo+2.jpg> Acesso em 20 set. 2010.

representá-lo através de traços que se assemelham a uma vila medieval, onde, não havia interferência industrial, nem de poluição, fumaças, máquinas, nem controle severo do tempo.

Tolkien não construiu essa semelhança baseando-se necessariamente em relatos historiográficos sobre a Idade Média, mas, em grande parte, pela influência das epopéias e da literatura medieval, influência recebida principalmente por conta de sua profissão de filólogo. Nesse caso, nos interessa mais apreender que essa representação que o Condado tem, e que se trata, segundo os termos de Berman de um “mito nostálgico”, mostrando que rememorar fantasticamente o passado, dando-lhe contornos edênicos se mostrava mais interessante do que pautar-se na realidade, industrialmente austera, que não proporcionava um nível de felicidade e satisfação tão grande como os tempos de outrora.

Além disso, é preciso considerar que a presença de uma natureza exuberante se configura também como o retrato de uma resistência, já que a preservação ou conservação do meio ambiente não era uma das preocupações primárias do desenvolvimento desenfreado da industrialização. É inclusive um aspecto muito comum da industrialização a característica de destruição do ambiente natural e dos recursos naturais, de modo que a celebração da natureza como sinônimo de tranquilidade, segurança e felicidade, carregam um sentido de descontentamento com o avanço da artificialidade e da destruição industrial.

A questão da semelhança com uma vila medieval, apontada anteriormente, fica premente nessas imagens, já que a aproximação entre uma e outra denotam a tentativa de escape (dentro das concepções de escape discutidas por Tolkien) da realidade “pungente” que o cercava. A rememoração e articulação de cenários mais naturais, com menor interferência da industrialização, às suas histórias caracteriza-se como a negação da realidade circundante a partir da apresentação de um cenário diverso daquele, de modo que aspectos da realidade histórica estejam metamorfoseados e tenham valores atribuídos a si.

Assim, ao assemelhar-se a uma vila medieval, o Condado, associado a segurança, transfere suas características a sua referência. Logo, a tranquilidade do Condado se estende também a vila medieval e por oposição, que o que destoava desse ambiente e desses aspectos, é negativo e prejudicial.

Essa associação porém, fica mais clara quando analisa-se a antítese do Condado e suas características: Mordor.

Mordor: a terra onde as sombras se deitam

É necessário explorar a caracterização de Mordor para entender como as feições industriais da modernidade se encontram incrustadas nela, carregando toda uma valoração acerca da modernidade e industrialização que as demonizam e procuram mostrá-las como algo ruim e negativo.

Mordor se encontra a leste da Terra-Média e é cercada por montanhas por quase todos os lados, é nesse lugar que se encontra Orodruin, a montanha em cujas entranhas se encontra as Fendas da Perdição, que é para onde Frodo leva o Um-Anel para ser destruído.

Ao escrever sobre Mordor, Tolkien registrou que: “O dia chegava mais uma vez no mundo lá fora, e bem distante da escuridão de Mordor o sol escalava a borda leste da Terra-Média; mas ali onde estavam [*Mordor*], tudo ainda era escuro como noite.”³⁸ A luz, símbolo da esperança, da segurança e outras características positivas, não chega à Mordor, ali só há escuridão, medo, tristeza, desolação.

Desse modo, é criada uma aura de medo e repugnância em torno de Mordor, ligada à associação feita entre sentimentos e descrições negativas com essa terra. Portanto, o que há em Mordor é associado também àquelas características depreciativas. Isso se torna interessante ao avançarmos nas descrições fornecidas pelo autor:

A luz não ficou mais forte, pois o Orodruin ainda expelia uma grande quantidade de vapor que, chocando-se lá no alto com os ares em sentido contrário, subia cada vez mais, até atingir uma região acima do vento onde se espalhava num teto incomensurável, cujo pilar central subia das sombras além do limite da visão.³⁹

Basta analisar mais detidamente o ambiente de Mordor para criarmos uma imagem que se assemelha muito ao ambiente industrial da Inglaterra em que Tolkien viveu. O “pilar central” que expelle fumaça, Orodruin, pode ser comparada a qualquer chaminé que atirava fumaça no céu inglês e que empestava o ambiente urbano.

Assim, as características tenebrosas de Mordor se estendem também as chaminés inglesas, criando uma visão crítica sobre “sujeitos” tão tipicamente modernos: as fábricas e indústrias.

³⁸ TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.190.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 194.

As descrições sobre Mordor continuam e enfatizam a desolação daquela terra: “Apenas uma luz cinzenta chegava aos campos desolados de Gorgoroth [*uma parte das terras de Mordor*]. Ali a fumaça subia do chão e espreitava nas concavidades; vapores escapavam das fissuras da terra.”⁴⁰ Ou seja, é possível perceber que a síntese de todo o mal e escuridão está em Mordor, uma terra que guarda uma similaridade com a modernidade industrial; fazendo com que, apesar dos contornos fantásticos que aparecem na obra, ainda assim permaneça o valor criado para a industrialização, que é mostrada como algo prejudicial e ameaçador para a felicidade e o bem-estar das pessoas.

Ainda sobre Mordor, para exacerbar toda a devastação que a ronda e, conseqüentemente, a industrialização e a destruição da natureza, Tolkien escreveu: “A Montanha da Perdição, [*Orodruin*] com seus pés ancorados em ruínas de cinza, seu enorme cone subindo a altura impressionante onde sua cabeça estava envolta por densas nuvens.”⁴¹ o que acaba por acrescentar àquele inóspito ambiente ruínas, cinzas e densas nuvens. A própria água de Mordor é quase intragável.

Na obra *Da Revolução Industrial ao Imperialismo*, Hobsbawn cita a fala de um oficial prussiano que visitou Manchester e procurou descrevê-la: “De longe pode-se observar a nuvem de vapor de carvão. As casas acham-se enegrecidas por ela. O rio que passa por Manchester é tão cheio de detritos de corantes que se assemelha à tina do tintureiro. Todo o quadro é de melancolia.”⁴² A situação de Manchester se assemelha a de muitas outras cidades inglesas, e a descrição que o oficial faz é parecida com a descrição que Tolkien faz acerca de Mordor, onde também há fumaça, poluição, enegrecimento do ambiente e rios poluídos.

Logo, se Mordor está associada à maldade e ao mal-estar, e, ainda, se ela se assemelha a situação das cidades “atingidas” pela industrialização, pode-se interpretar que a industrialização ganha um sentido dentro da análise de *O Senhor dos Anéis*, pois ela está associada a sentimentos ruins ou negativos.

Ao chegarem à Mordor, os hobbits (Frodo e Sam) olham ao seu redor e “Entre eles e a montanha fumegante, e ao redor dela e ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado

⁴⁰ *Idem*, p. 196.

⁴¹ *Idem*, pp. 196-197.

⁴² Fabriken-Kommissarius *apud* HOBSBAWN, Eric. J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983. pp. 88-89.

e morto, um deserto queimado e sufocado.”⁴³ O território de Mordor é emblemático por carregar um sentido de crítica a modernidade e sociedade industrial que procura trazer através do Fantástico uma relação com a realidade, procurando mostrar como as mudanças de industrialização, massificação de produção, aceleração do ritmo de vida etc. não são benéficos, mas sim que tiram a humanidade das coisas.

Ao escrever sobre a Montanha da Perdição, onde o Um-Anel foi forjado, local que é o coração de Mordor, Tolkien traz uma descrição muito interessante: “(...) seu [*da Montanha*] chão e paredes dos dois lados se abriam numa grande fissura, da qual saía o clarão vermelho, que ora se erguia e ora se extinguia na escuridão; e todo o tempo, lá embaixo, havia um rumor e uma agitação como de *grandes máquinas pulsando e trabalhando*. [*grifo meu*]”⁴⁴. Comparando o rumor emitido pela Fenda da Perdição, o centro da maldade da Terra-Média com o barulho de máquinas trabalhando, Tolkien dá um sentido para elas, associando-as de forma a exprimir a valoração que dá a cada um dos elementos. A “fantasmagoria mecânica” de que fala Bresciani, se instilou em *O Senhor dos Anéis*, e, mesmo imbricada no fantástico, mantém uma relação com a realidade histórica, com a sociedade industrial, com a *Age of Machinery*.

A situação de Mordor com uma terra morta e condenada ganha sentido também nas sensações que os hobbits têm quando lá estão. Tolkien escreveu sobre Sam em Mordor: “Sentia dores, e sua boca estava tão ressecada que ele não consegui sequer engolir um bocado de comida.”⁴⁵, ou ainda “(...) o ar estava cheio de vapores; respirar era difícil e doloroso.”⁴⁶ É possível aqui perceber uma oposição forte entre Mordor e o Condado, pois se nesse procurava-se fazer “cinco refeições por dia”, “rir frequentemente” e “fazer brincadeiras a qualquer hora”; naquele os hobbits mal conseguem se alimentar ou respirar!

Mesmo com a pestilência que assola Mordor, ainda assim Tolkien deixa espaço para uma esperança, que pode ser pensada como uma esperança de mudança nos rumos da própria realidade: “(...) Mordor era uma terra agonizante, mas que ainda não morrera. E ali as coisas ainda cresciam ásperas, retorcidas amargas, lutando pela vida.”⁴⁷

Esse trecho tem dois sentidos muito pertinentes a essa discussão. Primeiro temos a oposição que ele faz subjacentemente: se as coisas ainda lutam pela vida em Mordor,

⁴³ TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.197.

⁴⁴ *Idem*, p. 220.

⁴⁵ *Idem*, p. 214.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ *Idem*, p. 195.

quer dizer que elas estão se opondo a morte, representada pela desolação de Mordor. Isso tem um significado muito grande para compreender a crítica à industrialização, pois Tolkien relacionou Mordor (em todas as suas semelhanças com os ambientes industriais) com a morte, dando-lhe contornos muito depreciativos.

Em segundo lugar, esse trecho traz uma esperança no sentido em que mostra que embora “agonizante”, Mordor “ainda não morrera”, ou seja, é possível mudá-la, não deixá-la morrer, lutar pela vida.

Toda essa concepção acerca de sua arte e criação literárias, deixam transparecer dois aspectos fundamentais para a concepção de *O Senhor dos Anéis* como uma Literatura que resiste as convenções dominantes de seu tempo (industrialização como progresso, desenvolvimento econômico em detrimento da preservação natural, massificação da produção, mudança na noção de tempo etc.): primeiro, que a valoração que ele atribui a realidade, opressora, meio prisional, incapaz de garantir a felicidade e satisfação (todas subjacentes), demonstra que, mesmo que esteja escrevendo em uma realidade que em muitos casos positiva a modernidade e o desenvolvimento industrial e capitalista, o autor não apóia essas transformações e processos. E em segundo lugar que, sobre a compreensão que ele apresenta acerca do ato de escrever Histórias de Fadas e Literatura Fantástica (não todas, obviamente) deve ser compreendido como uma prática que não necessariamente apresente alegoricamente a realidade, mas que com ela estabelece ligações diversas; e que, enquanto liberta-se de certos aspectos da realidade através da imaginação, representa anseios e possibilidades aos que lêem de compreenderem a si mesmos e a sua realidade de maneira diferenciada, que inclui a não conviência com as ideologias estabelecidas e dominantes.

Nesse sentido, fica evidente como *O Senhor dos Anéis*, mesmo que metamorfoseie a realidade em Fantasia, magia e ficção, encontra-se intrinsecamente ligado a realidade histórica, atuando como negação e crítica a ela.

Porém, a negação da modernidade não se encontra presente somente na forma como os ambientes são, tanto em seus aspectos físicos como nos sentidos a eles atribuídos, mas também na forma como os personagens foram concebidos, através dos valores que eles personificam e defendem.

Esses valores não são aplicáveis somente dentro da Terra-Média, eles estão ligados a própria situação histórica em que Tolkien os concebeu, sendo, portanto, objeto de análise dessa monografia, que procurou identifica-los e discuti-los no sentido de sustentar a hipótese de que ao escrever *O Senhor dos Anéis*, Tolkien criticou através da

negação os desdobramentos da industrialização e os valores que esse modo de vida e de produção trouxeram em seu bojo. Essa análise se dará no capítulo 3.

CAPÍTULO 3

O Senhor dos Anéis: um manifesto contra a sociedade industrial

*Não vou predizer, pois todas as predições são
vãs nestes tempos (...)*

Galadriel, a senhora da floresta dourada.
O Senhor dos Anéis: A sociedade do Anel.

*Vivemos numa época essencialmente trágica; por
isso nos recusamos a tê-la como tal. O grande
desastre aconteceu (...)*

D. H. Lawrence. **O Amante de Lady Chatterley.**

Neste capítulo busco identificar e discutir quais são os valores que Tolkien defende na obra *O Senhor dos Anéis* em oposição ao mundo moderno a partir da análise de seus personagens e dos seus modos de vida.

Dentro da obra alguns elementos permitem uma análise que corrobore a hipótese de crítica a sociedade industrial, apresentados em um modo de vida que difere da vida típica da sociedade industrial: os hobbits, desde sua relação com o tempo até seus sentimentos e a forma como realizam suas tarefas; e os ents, cuja caracterização está ligada à exaltação da natureza em detrimento do urbano, industrial e moderno.

Esses elementos serão discutidos levando em consideração que a realidade histórica em que Tolkien viveu, de modo que, apesar dos contornos fantásticos com que são apresentados, eles tenham uma relação muito próxima com a realidade, já que por ela foram influenciados e que para ela apresentam uma resistência no sentido de negar valores dessa sociedade industrial tão fortemente estabelecida, ou seja, um dos aspectos da modernidade.

Logo, ao invés de encarar a obra como um todo ou ter algum compromisso de seguir o enredo tal qual ele foi apresentado, fiz o recorte de algumas problemáticas (mudança da relação com o tempo, crítica a sociedade industrial, exaltação do modo de vida campestre etc.) ao passo que selecionei passagens das obras de Tolkien, principalmente de *O Senhor dos Anéis*, que me permitiam, através delas e dos referenciais apontados, interpretar sua obra como uma crítica através da negação da sociedade industrial inglesa da primeira metade do século XX.

Hobbits: as mudanças na relação com o tempo

Os hobbits são uma raça criada por Tolkien em *O Hobbit*, livro de 1937, um prelúdio de *O Senhor dos Anéis*; a qual pertence o protagonista da história do livro de 1954, Frodo. Segundo a descrição do livro, os hobbits são “(...) um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranqüilidade e uma boa terra lavrada: uma região campestre bem organizada e bem cultivada era seu refúgio favorito.”⁴⁸

Eles são conhecidos pela sua estatura, menor que a dos Homens (outra das raças que habitam a Terra-Média), costumam ter cabelos enrolados, caras rosadas e alguns deles pés peludos. Ainda descrevendo os hobbits, Tolkien escreveu que eles “(...) eram um povo alegre. Vestiam-se com cores vivas (...) mas raramente usavam sapatos”⁴⁹ e que “Em geral seus rostos eram mais simpáticos que bonitos, largos com olhos brilhantes, bochechas vermelhas e bocas prontas para rir e para comer e beber”⁵⁰, além disso “eram hospitaleiros e adoravam festas e presentes, que ofereciam sem reservas e aceitavam com gosto”⁵¹.

O que transparece na descrição dos hobbits é que são um povo despreocupado, afeito a grandes banquetes, festejos e costumes comunitários, embora tenham entre eles intrigas. As atividades do cotidiano dos hobbits estão ligadas principalmente ao cultivo da terra e de pastoreio de animais. Essas atividades estão fortemente ligadas ao campo, que toma a forma do Condado, local onde eles vivem.

Além disso, fumar cachimbos e cuidar de seus jardins são algumas das atividades cotidianas dos hobbits, além de lautas refeições e uma vida ligada a natureza, às árvores, as colinas verdes do Condado e a tranqüilidade e segurança que elas inspiram.

Os hobbits ainda são descritos como “amantes de árvores e florestas”⁵² e “preservaram por mais tempo o hábito ancestral de viver em túneis e tocas”⁵³, entretanto,

⁴⁸ TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 1.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 2.

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ *Idem*.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 3.

⁵³ *Idem*.

(...) a paz e a tranqüilidade tinham tornado esse povo curiosamente resistente. Se a situação exigisse, eram difíceis de intimidar ou matar e eram, talvez, tão incansavelmente afeiçoados às coisas boas quanto, quando necessário, capazes de passar sem elas, e podiam sobreviver a ação rude da tristeza, do clima ou do inimigo de um modo que surpreendia aqueles que não os conheciam direito e não enxergavam além de suas barrigas e de seus rostos bem-alimentados.⁵⁴

Nesse sentido, pode-se apreender que os hobbits são conhecidos por gostarem de “uma boa terra lavrada” além da “paz” e da “tranqüilidade”. Ora, é preciso reconhecer que nos quadros do sistema capitalista em que Tolkien vivia, que Marshall Berman chama de modernidade, tranqüilidade não é necessariamente a característica mais freqüente.

Thompson escreveu apontamentos interessantes para compreender de que forma o tempo “pré-industrial” possuía uma conotação e uma medição diferente do que veio a ter nas sociedades industriais, como é o caso da Inglaterra em que Tolkien viveu:

É bem conhecido que, entre os povos primitivos, a medição do tempo está comumente relacionada com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas.⁵⁵

A noção de tempo está ligada às atividades cotidianas que as pessoas cumpriam, o tempo é orgânico, não imposto de forma exterior, mas regulado e entendido diretamente através da vivência cotidiana das pessoas.

Essa noção de tempo apontada por Thompson é aquela que não está mediada pelo relógio, medido em suas mínimas frações, mas sim relacionada ao cotidiano, a natureza, a cultura e processos diários de trabalho. Esse tempo está ligado mais diretamente ao homem em seu dia-a-dia e não lhe é imposto de maneira externa, como acontece na sociedade industrial, onde o relógio controla o tempo de maneira severa. Logo, essa noção de tempo não mediatizada e rigidamente controlada pelo relógio pode ser chamada de tempo “pré-industrial” ou “pré-moderno”.

Essa relação com o tempo pode ser percebida na seguinte passagem:

A cabeça e a barba do mago iam de um lado para outro enquanto procurava as pedras, e os outros o seguiam, mas não pareciam estar mais perto de seu destino quando começou a escurecer. A hora do chá já passara havia muito, e tudo indicava que logo aconteceria o mesmo com a hora da ceia.⁵⁶

⁵⁴ *Idem*, p. 6.

⁵⁵ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 269.

⁵⁶ TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 47.

Associar o tempo ao “escurecer” ou à “hora da ceia” são exemplos de uma relação com o tempo que difere da noção cronometrada típica da modernidade e da sociedade industrial.

Ligando o tempo a aspectos como os citados acima caracteriza uma noção de tempo mais humana, não imposta pela máquina ou pela rigidez centesimal do relógio. Os costumes diários, como refeições ou cumprimento de tarefas (ordenha, recolhimentos de animais, trato de animais etc.); assim como a própria natureza, como a posição do sol ou as estações do ano, são os referenciais em que essa noção de tempo se baseia.

O modo de vida dos hobbits se assemelha a esse modo de vida com a noção de tempo “pré-industrial”, justamente pelo ritmo mais brando do dia-a-dia, pela manutenção de costumes como “cinco refeições por dia” e uma disciplina de trabalho não rigidamente controla pelo relógio, mas sim orientada pelas tarefas e pela natureza.

Esse modo de vida fica bem descrito quando o autor, ainda tratando dos hobbits, escreve que eles “(...) riam, comiam e bebiam, freqüentemente e com entusiasmo, gostando de brincadeiras a qualquer hora, e também de cinco refeições por dia.”⁵⁷ Novamente entra em cena aquela caracterização positiva e alegre do modo de vida dos hobbits, que aparecem como despreocupados e felizes.

O fato de gostarem de “(...) de brincadeiras a qualquer hora” remete aquela idéia de “não-tirania do tempo”, já que o tempo do Condado, lugar onde vivem, não é marcado pelo relógio, mas, conforme escreve Thompson: “A notação de tempo que surge nesses contextos [*sociedade “pré-industriais”*] tem sido descrita como orientação pelas tarefas.”⁵⁸, desse modo, o tempo tem uma conotação diferente na vida das pessoas, e divide-se diferentemente: “deve-se cuidar das ovelhas na época do parto e protegê-las dos predadores; as vacas devem ser ordenhadas; deve-se cuidar do fogo e não deixar que ele se espalhe pelas turfás (...)”⁵⁹.

A partir disso vemos que a sociedade dos hobbits possui uma relação com o tempo que remonta aos tempos “pré-industriais” ou “pré-modernos”. No dia-a-dia do Condado não há nenhum relógio que regule a hora de início e fim dos trabalhos, não há um controle do tempo da forma como existe nas sociedades industriais, mas sim a

⁵⁷ TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 2.

⁵⁸ THOMPSON, Edward Palmer. op. cit. p. 271.

⁵⁹ *Idem, ibidem*.

natureza e as tarefas cotidianas é que dão a noção de tempo, de forma não rígida e não severamente controlada. Utilizando ainda os escritos de Thompson, pode-se dizer que no Condado há “(...) pouca separação entre ‘o trabalho’ e ‘a vida’.”⁶⁰

Inclusive a própria separação de trabalho e vida é algo observado por Tolkien, pois, conforme apontei anteriormente, ele escreveu nostálgico sobre uma época em que “homens em regra se deleitavam com o trabalho realizado por suas próprias mãos”⁶¹, ou seja, em uma época em que o valor do trabalho era outro, mais humano e menos descolado da vida cotidiana. Esse trecho exprime bem como o sentido do trabalho em relação à vida era outro nos tempos “pré-industriais”, já que não havia a massificação e a objetivação da produção. O resultado disso é também percebido pelo próprio Tolkien, em outro supracitado trecho, quando ele escreve sobre os “tempos industriais”, “(...) quando muitos sentem aversão às coisas feitas pelo próprio homem.”⁶²

A própria manutenção de costumes como cinco refeições por dia e o hábito de beberem frequentemente guardam uma semelhança com o modo de vida “pré-industrial” descrito por Thompson nesse capítulo. Em uma sociedade industrial onde o tempo é rigidamente controlado e a disciplina de trabalho é baseada na observância constante e severa do tempo, não há espaço para costumes como “cinco refeições por dia” ou “brincadeiras a qualquer hora”, logo, pode-se interpretar que o Condado está ligado a uma noção de tempo “pré-industrial”, em que o respeito aos costumes permanece em detrimento do controle maximizado do tempo.

Hobsbawn aponta essa mudança de relação com o tempo como um dos mais marcantes resultados humanos da Revolução Industrial:

(...) o trabalho industrial (...) impõe uma regularidade, uma rotina e uma monotonia totalmente diferente dos ritmos pré-industriais de trabalho – que dependem da variação das estações e do tempo, da multiplicidade de tarefas em ocupações não afetadas pela divisão racional do trabalho, pelos caprichos de outros seres humanos ou de animais, e até mesmo pelo desejo de se divertir em vez de trabalhar.⁶³

O modo de vida dos hobbits assemelha-se muito a esse que tanto Thompson quanto Hobsbawn apontam, onde a disciplina de trabalho não era mediada pelo tirânico relógio e onde havia espaço para que os hobbits fizessem brincadeiras e bebedeiras ao

⁶⁰ *Idem.*

⁶¹ TOLKIEN, J.R.R. **Sobre Histórias de Fadas**. São Paulo: Conrad, 2006. p. 74.

⁶² *Idem.*

⁶³ HOBBSAWN, Eric. J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983. p. 80.

invés de trabalharem nos moldes da linha de produção. O modo de vida “pré-industrial”, não só no que tange ao trabalho, mas também aos costumes, hábitos e rotinas (ou a falta delas) se encontra retratado nos hobbits, e é mostrado como algo que causa bem-estar e que mantém a paz e a tranqüilidade no Condado.

Percebe-se ainda que Tolkien manifestava uma simpatia muito grande por essas criaturas, frutos de sua imaginação; e também que tudo o que as cerca e que os caracteriza, desde suas atitudes a seu caráter, de suas moradias ao Condado, de suas cantigas até seus hábitos; são mostrados de forma positiva, criando assim também uma valoração para o “natural”⁶⁴ e o que a ele se opõe (ao menos nesse íterim): o industrial, e manifestando assim a própria visão de Tolkien acerca da sociedade industrial, já que ao valorizar as práticas que resistem a industrialização, ele dá também um sentido ao industrial, ou seja, algo negativo, que contribuiu para degradar a natureza e as relações sociais.

Aludindo ao contexto histórico de industrialização em que a obra foi escrita, é preciso ter em mente que se trata de um período em que, além da noção de tempo mudar (para um tempo mais corrido, cronometrado, rigorosamente controlado) também as mudanças ocorriam com mais freqüência. O texto de Berman é interessante para que essa mutação constante da realidade, seja em suas relações sociais, seja em seus modos e meios de produção ou em outros aspectos possa ser entendida. Para Berman, ser moderno é

é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.⁶⁵

Essa passagem se torna interessante para considerarmos que Tolkien, enquanto criador dos hobbits, se via insatisfeito com as mudanças repentinas da modernidade e da industrialização maximizada da Inglaterra. Esse sentimento de insatisfação com os tempos em que “tudo que é sólido se desmancha no ar” chegou a tal ponto que ele criou a Terra-Média e toda a riqueza que se esconde em toda a sua vastidão como modo de apontar como a industrialização e a modernidade haviam mudado a realidade de

⁶⁴ “Natural” aparece aqui entre aspas justamente por não ser totalmente natural, pois possui, tanto no passado “pré-industrial” apontado por Thompson, como no “natural” presente em *O Senhor dos Anéis*; a atuação e interferência do homem. O que diferencia o natural do “natural” é, entre outras coisas, o grau de exploração e destruição empreendido no meio ambiente.

⁶⁵ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 15.

maneira negativa, como elas tinham desumanizado as relações das pessoas, poluído o meio ambiente e acelerado o tempo da vida etc.

Hobbits e Máquinas: A obsolescência humana na “Age of Machinery”

Outra problemática que pode ser trabalhada a partir da obra *O Senhor dos Anéis* é a posição que os hobbits assumem com relação às máquinas, tidas aqui de forma geral, sem especificar que tipo de máquina, mas sim entendê-las como emblemas da tecnologia e das constantes inovações típicas das sociedades industriais, cuja inovação e mudança constantes são uma das marcas da modernidade.

Ainda descrevendo os hobbits, Tolkien escreveu: “Hoje, como no passado, não conseguem [*os hobbits*] entender ou gostar de máquinas mais complicadas que um fole de forja, um moinho de água ou um tear manual (...)”⁶⁶. O que se pode verificar nesta afirmação é a incompatibilidade dos hobbits, os heróis da saga do Anel, com máquinas mais complexas do que essas apontadas pelo autor. O entendimento e o gosto dos hobbits somente são agradados quando se trata de instrumentos e máquinas que remetem a um tempo “pré-industrial”, em que não havia grandes indústrias, teares mecânicos, linhas de produção, bem como o modo de produção industrial, massificado, sem sentido ou relação mais estreita com a vida das pessoas, a remuneração passou a ser o fim e não o trabalho em si, embora não via de regra.

O que interessa entender nesse ponto é justamente porque os hobbits não gostam de máquinas e qual o significado disso frente à realidade histórica em que a obra foi concebida e escrita. Os hobbits, de acordo com as descrições já aqui abordadas e discutidas, expressam um modo de vida diferente do modo de vida que caracteriza a sociedade industrial, seja pela sua relação orgânica com o tempo, seja pelos costumes que mantém, seja pela relação de proximidade que tem entre a vida e o trabalho etc., logo, eles negam-se a aderir a inovações tecnológicas e ainda assim mantém-se felizes em sua vida simples.

A sociedade dos hobbits apresenta um modo de vida diametralmente oposto ao modo de vida industrial, e pela caracterização que é dada a eles e a essa forma de viver que Tolkien constrói a crítica a modernidade e a sociedade industrial. As máquinas, que são os grandes emblemas da industrialização e do desenvolvimento da sociedade

⁶⁶ TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 1.

industrial, são tidas pelos hobbits como algo a ser evitado, que eles não gostam e não querem. Essa resistência dos hobbits pode ser interpretada como uma recusa à adesão a um mundo industrial, o que, ao levar em conta a vivência de Tolkien, ganha um sentido amplo, que é o de desaprovar a industrialização.

A desumanização das relações entre as pessoas está ligada, entre outras coisas, à forma como o trabalho foi organizado a partir do advento da industrialização. A busca desenfreada e desmedida pelo lucro gerou desdobramentos catastróficos não somente nas cidades ou nos ambientes naturais, mas também na forma como as pessoas se relacionam entre si e com o trabalho. Engels aponta características importantes no que tange a essa desumanização das pessoas, mais especificamente os trabalhadores, que, segundo ele, “(...) são tratados como animais”⁶⁷ e estão “(...) colocados[s] na situação mais desumana que um ser humano pode imaginar.”⁶⁸, justamente por conta do trabalho industrial, o ambiente pestilento das cidades e as condições sub-humanas a que são submetidos por conta disso.

Embora Tolkien não esteja se referindo diretamente a realidade histórica, e mesmo que esse texto não queira relacionar seus escritos necessariamente à situação da classe trabalhadora na Inglaterra, não se pode deixar de relacionar essa situação penosa a que são submetidos os trabalhadores com o advento da sociedade industrial. A situação que surgiu com isso foi que a relação entre as pessoas, onde ambas tratam-se como seres humanos, passou a ser secundária, já que a relação que predominava era aquela de exploração e de obtenção de lucro.

O que Tolkien, através da negação fantástica da sociedade industrial, faz é justamente opor-se aos valores dessa sociedade, mostrando, a partir de seus próprios valores (os que imperam na Terra-Média, apresentados anteriormente e a seguir), como eles estavam afetando de maneira muito negativa a humanidade. Colin Wilson sintetiza essa questão:

O Senhor dos Anéis é uma crítica aos valores da civilização tecnológica. Afirma seus próprios valores e tenta convencer o leitor de que estes são preferíveis aos atuais...é ao mesmo tempo um ataque ao mundo moderno e um credo, um manifesto.⁶⁹

⁶⁷ ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. 2ª ed. São Paulo: Global, 1985. p. 134.

⁶⁸ *Idem*, ibidem, p. 136.

⁶⁹ WILSON, Colin apud. WHITE, Michael. op. cit. p. 218.

Engels cita Carlyle, o qual escreveu que “(...) a sobriedade, a firmeza, a tranqüilidade prolongada, bens supremos para o homem, são, para eles [trabalhadores], estranhos.”⁷⁰ essa passagem descreve também como a situação das pessoas na sociedade industrial é instável e mutante, falta-lhes segurança, tempo e condições para que possam gozar de tranqüilidade e viverem de forma digna. Obviamente que essa condição não se estende a todas as pessoas da sociedade industrial, visto que muitos se beneficiam dessa exploração e dessa penúria, contudo, essa condição de vida, com tal exploração e tal resultado desastroso, é algo sem precedentes na História da humanidade.

Thomas Carlyle também é citado por Maria Stella Bresciani, quando denominou o tempo e a sociedade em que viveu (e cuja extensão nos chega até hoje) de Age of Machinery⁷¹ (Era da Maquinaria). Bresciani usa os escritos de Carlyle, entre outros, para mostrar como a introdução da máquina no trabalho e na vida cotidiana das pessoas alterou a forma como as pessoas se relacionavam entre si, consigo mesmas e com o trabalho, por exemplo. Para ilustrar a situação, ela escreveu que: “A sociedade contemporânea vive um grande paradoxo: o crescente desconforto do homem em meio a um mundo de artefatos criados por ele mesmo”⁷² de modo que

Até parece que assistimos à vingança dos deuses à ousadia prometeica de pretender dar aos homens (...) a possibilidade de ascender à posição divina de *criador* de coisas, libertando-o da modesta e subserviente situação de mero *reprodutor* dos frutos da natureza, ou seja, daquilo que já encontrou disposto sobre a Terra. [grifo da autora]⁷³

A sociedade industrial criou um novo sentido para o trabalho, não somente no seu fazer como também na sua concepção e importância dentro da sociedade. Conforme apontei anteriormente, através de Thompson, que nas sociedades pré-industriais há “(...) pouca separação entre ‘o trabalho’ e ‘a vida’.”; nas sociedades industriais a situação é muito diferente, pois há uma separação maior entre a vida e o trabalho, de modo que o trabalho não está diretamente ligado a vida, não faz sentido em relação a vida cotidiana das pessoas. Essa característica foi exacerbada com a introdução das máquinas, já que, conforme Bresciani “(...) nossa inteligência e nossas habilidades são medidas em função de nossa capacidade de condicionamento a elas [máquinas]”⁷⁴ e não de acordo com

⁷⁰ CARLYLE *apud* ENGELS, Friedrich. op. cit. p. 137.

⁷¹ CARLYLE *apud* BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Lógica e dissonância – sociedade de trabalho: lei, ciência e resistência operária*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Marco Zero, 1986. p. 9.

⁷² BRESCIANI, Maria Stella Martins. op. cit. p. 10.

⁷³ *Idem, ibidem*.

⁷⁴ *Idem*, p. 9.

nossa subjetividade. Os parâmetros da sociedade industrial são baseados nas máquinas e não nos seres humanos.

Essa visão acerca das pessoas, como meras operadoras de máquinas, desumaniza-as a ponto de que haja uma separação entre objetividade e subjetividade, conforme Bresciani aponta através de Lewis Mumford, quando esse escreve que ocorre a “separação entre arte e técnica, entre o saber e o fazer” e, conseqüentemente, o “esmagamento progressivo da subjetividade frente ao avanço implacável do domínio da razão objetivada em máquinas agressivas”⁷⁵. Esse processo fez com que o homem se sentisse deslocado em um mundo que ele mesmo havia criado, aí é que está a ironia e a tristeza disso, pois o homem, assim como a máquina, tornou-se obsoleto dentro dessa “lógica férrea”⁷⁶, dentro dessa “fantasmagoria mecânica”⁷⁷.

A sociedade industrial e a modernidade fazem parte de “um mundo cuja precisão técnica não tolera a frágil criatura divina, o homem, em nome do qual ele originalmente se estrutura.”⁷⁸, um espaço onde não há lugar para a subjetividade e emoções, mas somente a rígida e fria exatidão hidráulica, tecnológica, e onde o homem, pela sua impossibilidade de comportar-se como a máquina, se sente minorizado e castrado, vivendo em mal-estar.

Essa lógica trouxe o “(...) desconcerto dos homens em meio a um mundo onde tudo e todos movimentavam-se constantemente, onde os pontos de referência desmoronavam com rapidez.”⁷⁹, onde “tudo o que é sólido se desmancha no ar”⁸⁰; e é nessa lógica que Tolkien viveu e escreveu *O Senhor dos Anéis*, é nessa realidade contraditória que as raízes de sua Fantasia se apoiaram, porém, buscando negá-la através do fantástico.

A Revolução Industrial, mesmo estando situada dois séculos antes desse em que Tolkien viveu, ainda fazia-se sentir em seus desdobramentos. As conseqüências desse processo foram dramáticas em muitos sentidos e alteraram profundamente não só a forma como as pessoas produziam ou os rumos da economia, mas também o próprio modo de vida e a organização social, conforme é possível perceber através dos escritos de Engels e de Bresciani. Nesse sentido é que Hobsbawm aponta que “Nenhuma

⁷⁵ *Idem*, p. 15.

⁷⁶ *Idem*, p. 7.

⁷⁷ *Idem*, p. 12.

⁷⁸ *Idem*.

⁷⁹ *Idem*, p. 16.

⁸⁰ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich/ Carlos Nelson Coutinho (et. al.). **O Manifesto do Partido Comunista 150 anos depois**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998. p. 11.

mudança na vida humana, desde a invenção da agricultura, da metalurgia e do surgimento das cidades no Neolítico, foi tão profunda como o advento da industrialização.”⁸¹, e uma dessas profundas mudanças foi justamente a dissolução dos modos de vida “pré-industriais” e os que se opunham a esse processo, e a tentativa de destruir esse passado no sentido de servir aos interesses desse modo de produção que se iniciava e que se estenderia até a época em que Tolkien viveu e escreveu *O Senhor dos Anéis*.

A Inglaterra da primeira metade do século XX pode ser descrita como uma sociedade industrial, onde a tradição camponesa e as formas de vida “pré-industriais” foram mais dissolvidas em detrimento do avanço industrial, ou seja, na Inglaterra, o modo de vida “pré-industrial” foi severamente atacado e muitas vezes destruído por conta do desenvolvimento industrial. Além do espaço rural, campestre, em oposição ao espaço urbano característico de territórios industrializados ser destruído, também o modo de vida e os costumes e tradições desse espaço foram dissolvendo-se.

Nesses lugares onde a industrialização alcançou níveis altos, havia uma grande quantidade de máquinas. Os hobbits e seu modo de vida negam justamente as máquinas, que são, muitas vezes, o símbolo da indústria e da industrialização, e de todo esse processo de advento da industrialização e eliminação dos resquícios “pré-industriais” remanescentes.

Basta lembrar também que a posição heróica dos hobbits gera uma empatia em seus leitores, que muitas vezes, por conta da caracterização positiva, se identificam com esses personagens, fazendo-os questionar-se sobre a sua realidade circundante, inclusive sobre a industrialização e seus desdobramentos.

Os hobbits, conforme escrito anteriormente, têm opiniões avessas às mudanças ou transformações que ameacem desestabilizar ou acabar com seu modo de vida campestre ou “pré-industrial”, como é possível identificar no seguinte trecho: “O amor por aprender coisas novas (...) estava longe de ser comum entre eles.”⁸². O que se pode entender dessa passagem com relação à crítica à modernidade e a sociedade industrial é que a mudança e transformação, processos acelerados e muito frequentes nas sociedades onde o modo de produção dominante é o industrial; é vista com desconfiança, como algo perigoso, que deve ser evitado tanto quanto possível.

⁸¹ HOBSBAWN, Eric. J. op. cit. p. 21.

⁸² TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 3.

Desse modo, pode-se entender que, ao desaprovarem coisas novas, os hobbits estariam resistindo às ameaças ao seu modo tradicional de vida. A forma de viver dos hobbits caracteriza-se, portanto, por desaprovar coisas novas e procurar preservar seus costumes e modo de vida “pré-industrial” ou “pré-moderno”.

A Inglaterra, país onde Tolkien residia, era conhecido por ser uma grande potência industrial, conforme as palavras de Hobsbawn “(...) a Grã-Bretanha é, em muitos sentidos, o país que rompeu mais radicalmente com todas as épocas anteriores da história humana: a mais completa eliminação do campesinato.”⁸³, isso fez com que houvesse uma implantação muito grande de indústrias e fábricas, e, conseqüentemente, de urbanização, exploração dos trabalhadores, fumaça e poluição, além de fazer com que as cidades se tornassem maiores e mais populosas que o campo.

O próprio ambiente urbano tinha se alterado de maneira fundamental com o advento da industrialização, Hobsbawn mostra que a cidade “Era um deserto de pedra”⁸⁴, e que essas cidades eram caracterizadas por “(...) serem cobertas de fumaça e impregnadas de imundície”⁸⁵, onde as pessoas mais pobres não possuíam condições de vida digna e eram muitas vezes vítimas de “(...) epidemias de cólera e febre tifóide”⁸⁶. Ou seja, além de destruir o ambiente e o modo de vida “pré-industrial”, a industrialização ainda gerava efeitos como o da urbanização, que transformava cidades em lugares lúgubres e insalubres, onde a pobreza, a poluição e a doença estavam presentes.

Engels, ao visitar a Inglaterra, escreveu sobre a situação das cidades inglesas, relacionando o crescimento desenfreado e desorganizado, juntamente com o ambiente nada acolhedor desses lugares com o avanço da industrialização e a situação da classe trabalhadora. Ele escreveu que “As cidades estão mal e irregularmente construídas, com pátios sujos, ruas estreitas e vielas cheias de fumaça de carvão.”⁸⁷, dizendo mais a frente que “O emprego do tijolo, primitivamente vermelho vivo – que é o material habitual da construção – escurecido pela fumaça, dá-lhes um aspecto muito pouco agradável.”⁸⁸

Ainda sobre outras cidades inglesas, Engels não poupa palavras ao mostrar como elas reúnem em seu bojo atrocidades como um “(...) delgado curso de água, escuro

⁸³ HOBBSAWN, Eric. J. op. cit. p. 15.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 82.

⁸⁵ *Idem*, p. 81.

⁸⁶ *Idem*.

⁸⁷ ENGELS, Friedrich. op. cit. p. 54.

⁸⁸ *Idem, ibidem*.

como o breu e de cheiro nauseabundo, cheio de imundícies e de detritos”⁸⁹ ou “becos estreitos e passagens imundas”⁹⁰, nos mostrando como “a sujeira, os montes de entulhos e de cinzas, os charcos nas ruas são comuns”⁹¹.

As visões sobre a cidade não lhe são nada favoráveis, e procuram mostrar como o avanço da industrialização, em muitos sentidos (ocupação irregular do espaço, pauperização da população, destruição da natureza, poluição dos rios e do ar etc.) contribuiu para tornar o ambiente extremamente hostil e execrável a vida digna.

Os hobbits parecem traduzir o pensamento de Tolkien com relação a essa instabilidade e incerteza que pontuam a sociedade industrial, pois eles querem tranqüilidade e despreocupação, coisas que não conseguem encontrar no ritmo acelerado e na destruição da natureza que vêm junto com a modernidade.

Ents: a exaltação combativa da natureza

A oposição entre “Natural” (idílico) e “Artificial/industrializado” (espaço condenado) não está restrito à caracterização dos lugares, ela se estende também para alguns personagens da trama, deixando patente mais uma vez sua negação a sociedade industrial.

Nesse sentido, os ents são um dos exemplos de personagens que podem ser pensados como carregados de uma crítica a modernidade. Ents são criaturas muito semelhantes a árvores, que caminham, falam, pensam, tem consciência, enfim, que tem vida própria. Na descrição de Tolkien:

(...) uma figura semelhante a um homem, quase semelhante a um troll, de pelo menos quatro metros e meio de altura, muito robusta, com uma cabeça alta e quase sem pescoço. Se estava coberta por alguma coisa semelhante a casca de árvore verde ou cinzenta, ou se aquilo era seu couro, era difícil dizer. De qualquer forma, os braços, numa pequena distância do tronco, não eram enrugados, mas cobertos de uma pele lisa e castanha. Cada um dos pés tinha sete dedos. A parte inferior do rosto comprido estava coberta por uma vasta barba cinza, cerrada, quase dura como galhos na raiz, fina feito musgo nas pontas.⁹²

⁸⁹ *Idem*, p. 62.

⁹⁰ *Idem*, p. 63.

⁹¹ *Idem*, p. 65.

⁹² TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. 2ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 2002. p. 59.

Os ents representam a própria natureza, eles são os “pastores de árvores”⁹³, sentinelas da floresta de Fangorn que protegem as demais árvores de serem derrubadas ou a floresta de ser destruída. Conferindo-lhes características peculiares como uma fala demorada e um ritmo de vida muitíssimo mais lento do que qualquer ser da Terra-Média, Tolkien mais um vez associou à natureza (aqui entendida como símbolo da não-modernidade) um ritmo de vida desacelerado, ponderado, não rigidamente regulamentado.

Barbárvore, o ent que os hobbits encontram, mostra-se também nostálgico e um tanto melancólico com o que vem acontecendo com as florestas da Terra-Média, ao passo que diz: “(...) houve um tempo em que só havia uma floresta, daqui até as montanhas de Lûn”⁹⁴ Essa semelhança com a realidade de Tolkien mostra como havia uma espécie de tristeza em perceber como os tempos haviam mudado e como o moderno e industrial vinham ocupando de maneira rápida e maximizada o espaço em que antes havia árvores e florestas.

Barbárvore, a respeito desse tempo onde as florestas eram mais vastas, disse (como certamente Tolkien também o fez): “Aqueles foram dias grandiosos!”⁹⁵, exprimindo a nostalgia que lhe causava a lembrança daqueles dias, e também a insatisfação experimentada nesses (do século XX).

A floresta de Fangorn, lar dos ents, estava sendo ameaçada por Saruman e pelos orcs, que estavam derrubando árvores com um intuito emblemático para ser pensado enquanto crítica a modernidade. Essa situação fica clara nas palavras que Tolkien põe na boca de Barbárvore:

Acho que agora entendo o que ele [*Saruman*] pretende. Está tramando para se transformar num Poder. Tem um cérebro de *metal e rodas*, e não se preocupa com os seres que crescem, a não ser enquanto o servem. E agora fica claro que é um *traidor negro*. (*grifo meu*)⁹⁶

O inimigo da floresta, “o traidor negro” é aquele que tem um “cérebro de metal e rodas”, aquele que não se preocupa com os “seres que crescem”. A associação de valores continua nesse trecho, pois o “metal” e as “rodas” podem ser entendidos como elementos da modernidade nesse caso, que se opõe, portanto, ao bem estar da floresta e da natureza, sendo compreendido aqui como um “traidor negro”.

⁹³ *Idem, ibidem*, p. 65.

⁹⁴ *Idem*.

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ *Idem*, p. 70.

Há uma construção de sentido tanto no que tange ao “natural” como em relação ao “artificial/industrial”, o primeiro é associado à nostalgia, ao bem estar, a despreocupação, a segurança, tranqüilidade, paz, estabilidade e ainda com a felicidade; enquanto o segundo é visto como um elemento desestabilizador, ruim, perigoso, amedrontador, ameaçador, que gera infelicidade e insegurança.

Essa associação com a industrialização e exploração desenfreada dos recursos naturais é possível de ser interpretada ainda em outra passagem, também de uma fala de Barbárvore:

Ele [*Saruman*] e seu povo sujo [*os orcs*] estão devastando tudo agora; Lá embaixo, nas fronteiras, estão derrubando árvores – árvores boas. Algumas apenas cortam e deixam apodrecer – isso é serviço dos orcs; mas a maioria delas são derrubadas e levadas para alimentar as fogueiras de Orthanc [*torre de comando de Saruman*]. Vejo sempre uma fogueira subindo de Isengard [*espécie de “reino” de Saruman*] nos últimos tempos.⁹⁷

Isengard se assemelha em vários sentidos ao ambiente industrial, já que tem fornalhas, fumaça, fogo, forjas e deterioração da natureza. Saruman se tornou um inimigo da saga na medida em que foi corrompido pelo Um-Anel através da ganância e passou a destruir a natureza para consegui-lo para si.

Em suma, é possível identificar como a crítica à industrialização se instila nos ents através das situações e valorações em que se envolvem e que os identificam. A atribuição de aspectos positivos aos elementos “naturais” e negativos aos “artificiais/industriais” constitui-se como uma forma de voltar-se à realidade, permeada pela modernidade, criando para ela também uma valoração, que reprovava as mudanças diversas que a caracterizam e aqui já apontadas.

Mesmo que aqui somente tenham sido abordadas e exploradas alguns aspectos e elementos da obra em questão, certamente há muitos outros que são passíveis de análise no sentido de corroborar a hipótese de que *O Senhor dos Anéis* carrega uma crítica a modernidade, como os elfos e o próprio Um-Anel, por exemplo, já que os primeiros são positivados em virtude de sua sintonia e proximidade com a natureza; e o segundo por ser um símbolo da ganância e da cobiça, ao qual pode ser feito o paralelo com a busca desenfreada pelo lucro, característica típica do sistema capitalista que se desenvolvia intensamente na primeira metade do século XX.

⁹⁷ *Idem*, p. 71.

Aliando seus conhecimentos filológicos, de mitologia, lendas medievais, epopéias, novelas de cavalaria etc. Tolkien construiu uma crítica ao seu tempo, onde a nostalgia, entrelaçada com a fantasia, se enraizou na história de *O Senhor dos Anéis* dando origem a uma epopéia cujo centro era a insatisfação com as mudanças da modernidade.

Enfim, os contornos fantásticos de *O Senhor dos Anéis* se remetem à imaginação do autor, sendo esta baseada na experiência histórica que ele experimentou na modernidade da primeira metade do século XX e todas as transformações que ela trouxe. Tolkien não via essas mudanças com bons olhos e procurou criar um universo fantástico em que os aspectos de sua realidade que o incomodavam, aqueles típicos da modernidade já aqui citados; ou não existissem ou existissem carregando valores negativos e que deviam ser combatidos.

Embora o autor seja categórico em negar qualquer alegoria ou mensagem oculta em sua obra⁹⁸, ainda assim é possível perceber como o contexto histórico imprimiu marcas na saga do Anel, bem como nas demais obras de Tolkien, procurei demonstrá-las ao longo desse texto e espero ter sido bem sucedido.

⁹⁸ Essa negação da alegoria aparece no prefácio do primeiro volume de *O Senhor dos Anéis, A Sociedade do Anel*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa monografia procurei analisar a obra *O Senhor dos Anéis* como uma crítica a sociedade industrial e a modernidade, abordando diversos elementos presentes na obra, tais como personagens, diálogos, ambientes, costumes etc. no sentido de sustentar essa hipótese.

Para tanto, no primeiro capítulo discuti a complexa relação entre História e Literatura, mostrando como os escritos literários, por serem fruto da ação humana, e sendo o homem um ser histórico; podem ser utilizados como objeto de análise historiográfica. No sentido de aprofundar a discussão, contextualizei também o autor, visto que é no solo da experiência histórica dessa que se calcaram as raízes de *O Senhor dos Anéis*, obra central dessa monografia.

Ainda no primeiro capítulo discuti como a literatura pode atuar como prática de resistência às convenções de seu tempo, e *O Senhor dos Anéis*, levando em consideração não somente a riqueza do livro, mas os demais escritos de seu autor e suas opiniões acerca de seu tempo, pode ser considerada uma crítica à modernidade e aos valores da sociedade industrial. Essa insatisfação fica expressa no estilo/gênero da literatura de Tolkien, a Fantasia. O distanciamento que essa literatura proporciona é um indício de que o autor estava descontente com sua realidade, criando uma realidade fantástica que lhe permitisse vislumbrar outros modos de vida.

No segundo capítulo analisei alguns locais fantásticos presentes na obra *O Senhor dos Anéis*, procurando demonstrar como através deles Tolkien transmitia um sentido para diversos aspectos da sociedade industrial. O Condado, por exemplo, pelas suas características físicas e pela atribuição de sentido a essas, carrega um significado que celebra outra realidade que não a da Inglaterra industrializada e poluída em que Tolkien viveu. Lothlórien, a floresta dourada, é mostrada como um paraíso florestal, onde não há mal nem medo, um lugar seguro e de natureza exuberante, distinto do ambiente urbano e industrial. Mordor é o terceiro dos locais analisados, e tem por características fumaça, pedras e um território estéril. As descrições desse lugar se assemelham às descrições encontradas sobre a Inglaterra industrializada. Enfim, os locais criados por Tolkien dentro da Terra-Média transmitem um significado para o “natural” e o urbano e industrializado, agregando valores para cada um desses aspectos

que permitem uma análise que corrobore a hipótese de que Tolkien criticava a modernidade na obra *O Senhor dos Anéis*.

No terceiro capítulo discuti algumas das mudanças típicas da modernidade e da sociedade industrial através dos valores personificados em duas raças que habitam a Terra-Média: os hobbits e os ents. O modo de vida dos hobbits permite discutir a mudança na relação com o tempo, como ela era orgânica e orientada pelas tarefas cotidianas e pela natureza nos tempos “pré-industriais” ou “pré-modernos”; e como passou a ser imposta externamente, com o tempo cronometrado e rigidamente controlado conforme a industrialização se alastrava.

Os hobbits ainda permitem analisar a visão que Tolkien tinha a respeito das máquinas e de como elas desumanizavam as relações pessoais e de trabalho, de modo que alteravam completamente o sentido e o valor do trabalho. Na oposição “natureza” vs. Artificialidade, os ents também servem como ponto a ser analisado, pois eles exprimem uma valoração positiva a respeito da natureza e a mostram em franca oposição ao avanço industrial, de sentido negativo dentro da concepção de Tolkien.

Não somente a obra *O Senhor dos Anéis* como também os outros escritos de Tolkien são significativos por mostrarem como dentro do processo de ascensão da industrialização dentro dos quadros do desenvolvimento capitalista e da sociedade moderna, em cujo bojo vieram vários desdobramentos que encontraram vários oponentes e vozes dissonantes do discurso de celebração da indústria como símbolo e representante do progresso da humanidade. Mesmo que esse projeto tenha sido vitorioso e se alastrado ao redor do mundo, ele não foi capaz de calar os pensamentos que destoavam do seu pretense progresso.

O Senhor dos Anéis é um dos livros mais lidos no mundo e é amplamente estudado na Inglaterra. Sua fama inclusive aumentou quando dos lançamentos das adaptações cinematográficas, de 2001 a 2003. Não é possível afirmar com certeza que o universo fantástico que ele criou em *O Senhor dos Anéis* pode oferecer a oportunidade de distanciamento quiçá de fuga dos prisioneiros do nosso tempo, mas certamente não podemos negar que essa possibilidade existe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- As Cartas de J.R.R. Tolkien.** Organização de Humphrey Carpenter com assistência de Christopher Tolkien. Curitiba: Arte e Letra, 2006.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **Caminhos entre a literatura e a história.** In: *Estudos Avançados.* São Paulo, vol. 19, n. 55, dezembro 2005, p. 315-334.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** 2ª ed. São Paulo: Global, 1985.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Lógica e dissonância – sociedade de trabalho: lei, ciência e resistência operária.* In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo: Marco Zero, 1986. p. 7-44.
- HOBBSBAWN, Eric. J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora.** Porto Alegre: L&PM, 2010.
- KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- LAWRENCE, D.H. **O Amante de Lady Chatterley.** São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich/ Carlos Nelson Coutinho (et. al.). **O Manifesto do Partido Comunista 150 anos depois.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história.** Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>> Acesso em 24 out. 2009.
- RAPOSEIRA, Sílvia do Carmo Campos. *“Tree by Tolkien”: J.R.R. Tolkien e a Teoria dos Contos de Fadas.* Dissertação apresentada para a Universidade Aberta de Lisboa para obtenção do título de Mestre em Estudos Ingleses, 2006.
- SÁ, Márcio Cícero de. *Da Literatura Fantástica (teorias e contos).* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

TOLKIEN, J. R. R. **As Aventuras de Tom Bombadil**. 6ª ed. Portugal: Europa-América, 2002.

_____. **Contos Inacabados: De Númenor e da Terra-Média**. Organizado por Christopher Tolkien. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Mestre Gil de Ham**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **O Hobbit**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Os Filhos de Húrin**. Organizado por Christopher Tolkien. Portugal: Europa-América, 2007.

_____. **O Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. 2ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 2002.

_____. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O Silmarillion**. Organizado por Christopher Tolkien. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Roverandom**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WHITE, Michael. **Tolkien: uma biografia**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.